

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ

**MANUTENÇÃO E APAGAMENTO DO (r) FINAL
DE VOCÁBULO NA FALA DE ITAITUBA**

Marilucia Barros de Oliveira

Orientador: Dr. Abdelhak Razky

Belém - 2001

1 INTRODUÇÃO

A língua Portuguesa, como qualquer outra, é uma língua que sofre variações, mudanças condicionadas ora por fatores lingüísticos, ora por fatores não lingüísticos, e às vezes motivadas por fatores lingüísticos e não lingüísticos concomitantemente. Alguns componentes das línguas, entretanto, constituem-se em variáveis que oferecem mais possibilidades de variação. É o caso do (r) em posição posvocálica e, mais especificamente, em posição final de vocábulo.

Segundo Callou (1979), o (r) nessas posições é uma das variáveis que mais sofre variação. A prova disso, é que na cidade do Rio de Janeiro, é possível a realização de 4 (quatro) variantes para essa variável quando se acha em posição posvocálica não final e de até 6 (seis) variantes quando se encontra em posição final de vocábulo. Dentre as seis realizações possíveis para essa última posição, pode-se encontrar a fricativa velar [x], a fricativa glotal [h] e o zero fonético [∅].

Lendo-se os Atlas Lingüísticos, ou observando-se os trabalhos realizados em algumas cidades do Brasil, pode-se verificar que uma das variantes possíveis para essa variável é a realização [∅]. Em alguns centros urbanos, como no Rio de Janeiro, por exemplo, pode-se identificar um processo quase que categórico em relação ao seu apagamento em final de palavra.

Sendo assim, a realização do (r) em final de vocábulo parece constituir-se num fenômeno extremamente relevante para a Sociolingüística, pois apresenta uma gama muito diversificada de variantes que ora são atribuídas a condicionamentos lingüísticos, ora a não lingüísticos.

O (r) forte, como define Camara Jr. (1995), pode ocorrer em posição inicial, em posição intervocálica e em posição posvocálica. Conforme Callou (1979) as

variantes dessa variável que ocorrem em posição inicial são totalmente possíveis em posição posvocálica, sendo que nesta posição, além daquelas variantes ocorrem a realização glotal e o zero fonético, já tradicional em final de palavra e, mais recorrentemente em verbos na fala carioca.

Embora alguns estudos referindo a realização e o apagamento do (r) posvocálico em posição final de palavra já tenham sido feitos, dada a extensão territorial do nosso país, e a grande diversidade lingüística que seus falantes apresentam, há sempre necessidade de que investigações rigorosas sejam realizadas, a fim de que essa variável, bem como a relação entre suas variantes e os condicionadores de sua variação, tornem-se bem mais conhecidos.

Este trabalho constitui-se num estudo que pretende investigar os aspectos relacionados à realização do (r) em final de palavra à luz da Teoria da Variação e da Sociolingüística Quantitativa, na fala de 35 (trinta e cinco) falantes da cidade de Itaituba. O capítulo I, intitulado *Revisão da Literatura*, apresenta alguns trabalhos a respeito do fenômeno estudado, referindo trabalhos de pesquisa sobre a realização e o apagamento do (r) em estudo. Alguns mais recentes outros mais remotos, apresentando em mais detalhes os trabalhos baseados na Sociolingüística Quantitativa. Pretende, outrossim, referir a realização dessa variável em trabalhos nos quais se estudou *manutenção versus apagamento*. Nosso objetivo não é apresentar um panorama cronológico do estudo do (r) neste capítulo, mas antes apresentar e discutir algumas problemáticas referentes à realização dessa variável.

O capítulo subsequente refere a metodologia utilizada na construção deste trabalho. Nesta seção descrevemos todos os procedimentos que foram edificando esta pesquisa como: coleta de dados e as variáveis estudadas, por exemplo; ou seja, os passos que foram seguidos para se chegar aos resultados apresentados.

No capítulo seguinte, proceder-se-à à apresentação e discussão dos resultados, desde os preliminares até os finais. Nele, apresentam-se as variáveis

lingüísticas e sociais selecionadas e não selecionadas pelo pacote VARBRUL, referindo-se ainda, os pesos relativos considerados relevantes ou não, quando da interpretação da rodada final do pacote computacional utilizado na análise, comparando-se os resultados obtidos com as nossas hipóteses e com resultados de alguns autores que estudaram o mesmo objeto. Esta parte do trabalho está subdividida em quatro grandes seções. São elas: variáveis lingüísticas, variáveis sociais, cruzamento de variáveis sociais e considerações sobre as variantes não quantificadas no VARBRUL.

Concluimos com uma sistematização final dos resultados, retomando as hipóteses construídas, indicando a confirmação ou não de nossos pressupostos e referindo sugestões que parecem ser válidas quando do estudo deste objeto.

2 REVISÃO DA LITERATURA

2.1- Aspectos diacrônicos

O apagamento da variável (r) em sílaba final de vocábulo já não é um fenômeno tão recente na língua portuguesa do Brasil. Segundo Votre (1978) já havia manifestações desse fenômeno nas peças de Gil Vicente durante o século XI. É depois do período do português arcaico que o fenômeno de apagamento do (r) em final de vocábulo se estende a diferentes classes de palavras e estratos sociais, visto que era inicialmente comum principalmente nos infinitivos.

Essa realização aparecia no teatro como característica da fala do negro, e, durante muito tempo, foi também identificada como própria dos estratos sociais mais baixos. Nos autos de Antônio Ribeiro Chiado¹, conforme (Votre,1978:28), a regra de apagamento parece ter caráter variável, tanto é verdade, que se pode verificar o apagamento e a manutenção dessa variável em um mesmo enunciado “*Mim não quebrar bosso porta, bessa passá não falou*”, e aparece principalmente em verbos. Já em Silva Neto (1970), tem-se o registro de um informante que categoriza a regra, ou seja, apaga em todos os contextos o fonema. Por outro lado, nesse mesmo estudo, tem-se a manutenção como em “Entre, mê siô, e vai *ver* a êre” (ibidem, p. 82). Para Tessier², citado por Oliveira (1997), o fenômeno já existe há pelo menos 500 anos em nossa língua, sendo que em períodos mais remotos era comum em final de verbos, pois

¹ BERRARDINELLI, Cleonice. *Auto de Antônio Ribeiro Chiado*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1968.

² TESSIER, P. *La language de Gil Vicente*. Paris: Klincksieck, 1959.

“O cancelamento do (r) final em nominais é um fenômeno de cerca de 150 anos de idade[...]não sendo, portanto, tão antigo quanto o cancelamento de (r) final de verbos, nem tão incipiente quanto o cancelamento dos (r')s internos (que foi apontado pela primeira vez em Jucá Filho (1939)” (Oliveira, 1997: 40).

Segundo Bisol (1999) a posição posvocálica é o contexto de maior variação da vibrante. A autora informa que a realização uvular e velar datam do fim do século passado e têm se estendido por diversas áreas brasileiras. A uvular [R] parece ter surgido, conforme Barbosa (1994) em Lisboa, e se constituía numa realização estigmatizada. A fricativa sonora [ʀ], segundo Viana (apud, Bisol 1999), surgiu entre os jovens por volta de 1983. Para a autora, no Rio de Janeiro, a velar é uma realização que está se estabelecendo em posição medial e em final de palavra quando da manutenção da vibrante, bem como o apagamento da variável (r), independentemente de classe social, ou grau de escolaridade, pois, mesmo na língua culta se verifica o fenômeno³.

O (r) já tinha sofrido algumas transformações durante o período latino: *quattuor* > *quatro*, *semper*> *sempre*, *inter*>*entre*. Esse tipo de transformação, a metátese, que consiste no deslocamento do (r) para junto da consoante precedente, segundo Coutinho (1976), parece ter sido implementada no latim vulgar, o que vai ao encontro da afirmação de Melo (1981), que diz ser alguns desses fenômenos ocorrentes na língua portuguesa, antes uma característica românica do que uma influência dos afro-ameríndios, pois os tais fenômenos não são exclusivos do português do Brasil.

Essa discussão parece merecer um espaço neste trabalho, pois os autores que trataram do fenômeno de apagamento do (r), ora se aproximam, ora se distanciam em

³ Os símbolos fonéticos utilizados neste texto são os mesmos utilizados pelos autores citados. Usamos o (r) para indicar a variável em estudo.

seus pontos de vista no que se refere a ser ele uma tendência românica ou afro-indígena dada sua tão grande e rápida proliferação em praticamente todo o Brasil.

2.1.1-Uma influência afro-indígena ou tendência românica?

Sílvio Elia (1979), parece, também, refutar a hipótese de que o apagamento do (r) seja resultado da ação de indígenas e africanos sobre a nossa língua. O argumento de que esses desfaziam o grupo consonantal (diziam fulô em vez de flor), porque apresentavam tendência para a sílaba aberta, daí a queda da variável, já que fechavam a sílaba, não parece se sustentar, pois o fenômeno se encontra tanto no português culto quanto no popular. Além disso, para o autor, o fato de os índios não possuírem o (r) forte não sustenta aquela hipótese, já que na falta do forte, poderiam usar o fraco, conforme se vê em alguns dialetos. Já Luiz Ferraz (apud Valkhoff, 1975), refere-se ao cancelamento do (r) em final de palavra como uma influência africana no falar crioulo, que modifica a estrutura silábica: jogar /zugá/.

Embora Mendonça (1948) atribua o ensurdecimento do [r] e do [l] à influência africana, Melo (1981) refuta tal posicionamento. Diz o autor que essa influência parece ser incontestável em se tratando do fonema [l], mas que em relação ao [r] há aí um equívoco; e explica que o ensurdecimento dessa variável parece ser, na verdade, uma tendência românica desenvolvida no Brasil. Assim:

“A análise dos nossos dialetos revela-nos a existência de muitos fatos que se deve interpretar como o desenvolvimento ou a realização de tendências latentes, embrionárias ou incipientes na língua-tronco.” (Melo, 1981: 103)

E, ainda:

“Entre os fatos do nosso linguajar explicáveis pela ação de tal força se incluem o verbo *ter* impessoal com sentido existencial (=haver), fenômeno esse que ocorre também na Índia, em Cabo Verde e em certa região de Portugal [...] O mesmo se diga da queda de *-r* final...”(loc. cit).

2.1.2- A realização do (r) posvocálico em alguns países de língua românica

Como já foi dito, o apagamento do (r) final de vocábulo tem sido durante muito tempo apontado como característico da fala popular, tanto é verdade que Melo (1981) ao se referir a esse tipo de variação a chama de “*loqüela popular*” e faz a ela referência ao citar variações próprias do *linguajar plebeu*. Conforme o autor, é comum se encontrar na fala popular a forma *muié* para mulher, o que caracteriza, para ele, *linguagens populares*, dada sua variabilidade e mutabilidade. Diz ele: *Rigorosamente não se deve falar em língua popular, mas em linguagens populares, pois elas são essencialmente variáveis e móveis.* (loc.cit)

Quando o r posvocálico encontra-se em posição final de vocábulo, pode realizar-se como zero fonético[⁴]. Mas esta pronúncia é até hoje considerada pela maioria dos autores como popular e incorreta” (Callou, 1979:25).

Entretanto, os estudos na área da variação lingüística dizem que o apagamento do (r) posvocálico não parece ser atualmente, pelo menos nas cidades onde se tem procedido a esse tipo de estudo, um fenômeno que se possa restringir a classes sociais mais baixas; também não é uma realização que se processe apenas no português do Brasil, pois em Portugal já se verificou o apagamento desse fonema: *Aliás, pode*

ocorrer no próprio Portugal, no dialeto interamnense e no beirão essa perda de -r final. (Melo 1981:81)

Meintel⁴ (In Valkhoff, 1975), diz ter verificado no dialeto da Ilha de Brava o apagamento do (r) final de palavras. Acrescenta que esse apagamento se assemelha muito ao que se dá no Rio de Janeiro em se tratando de classes morfológicas, assumindo um cancelamento que é quase categórico nos verbos e menos recorrente nos substantivos e adjetivos. Essa informação corrobora os dados de Pontes (1972) que diz ser a realização zero, fonologicamente o desaparecimento do fonema /r/, muito comum em palavra verbal.

Tasca (1977), ao estudar o português e o espanhol como línguas em contato, verificou que o apagamento do (r), dentre outros elementos que sofrem supressão, é o fenômeno que lidera o apagamento em final de palavra.

Marroquim (2000) afirma que o apagamento do (r) se dá na fala popular e até na fala culta espontânea do nordeste. Acrescenta que esse mesmo fenômeno acontece também entre os romenos, e que erradamente é atribuído aos indígenas.

Parece que esse apagamento não pode ser atribuído categoricamente à ação africana sobre nossa língua. Talvez seja uma tendência que se dá, principalmente por causa da posição débil em que esse fonema se encontra. Tanto é verdade, que esse apagamento é bem mais produtivo em final de palavra.

2.2- Algumas realizações possíveis para o (r) posvocálico no Brasil

A variação do (r) em Língua Portuguesa é um fenômeno que se dá nas diversas posições em que ele ocorre. Sabe-se, entretanto, que das diversas posições nas quais ele pode acontecer, é na posição final de vocábulo que se dá a maior variação.

⁴ P.109-110.

Segundo a literatura da área, há em Português um *r* simples e um *r* múltiplo. Este último é o que mais acontece em posição posvocálica no Brasil. Conforme Bisol (1999), são múltiplas as variantes para o (r) posvocálico: vibrante [r], fricativa velar [x], uvular [R], aspirada [h], vibrante simples [ʀ], ou um som retroflexo [ʁ].

Segundo Camara (1995), só quatro consoantes podem se realizar em posição pós-vocalica na Língua Portuguesa. Dentre os fonemas possíveis de se realizar nessa posição está a variável (r). Há, segundo o autor, duas realizações vibrantes para o (r): uma fraca e uma forte⁵, responsáveis pela oposição entre esses fonemas em posição intervocálica, como em [‘karu] e [‘kahu]. Acrescenta, ainda, que o (r) apresenta diversos comportamentos em posição posvocálica:

“Já nas vibrantes a língua vibra, quer num só golpe junto aos dentes superiores, para o /r’/ brando, quer para o /r/ forte em golpes múltiplos junto aos dentes superiores, ou em vibrações da parte dorsal junto ao véu palatino, ou em vez da língua há a vibração da úvula, ou se dá além do fundo da boca propriamente dita uma fricção.” (Camara, 1995, 49).

Lemos em Cristófarro (1999) que a realização do (r) em final de palavra no português do Brasil varia de cidade para cidade e difere da realização praticada em Portugal. Assim, ela apresenta algumas variantes possíveis para o (r) nesta posição. São elas: [h], [x], [É] e [ʀ], correspondentes, respectivamente, a Belo Horizonte, Rio de Janeiro, Pará de Minas e Portugal. A realização alveolar para Portugal é também confirmada por Tessier (1959). Mas, em Portugal, parece ser, o comportamento do (r) em outras posições, como a inicial, por exemplo, a realização que muito se aproxima da que se realiza no Rio de Janeiro em posição posvocálica. Este autor diz que tanto o *r* forte quanto o *r* fraco existem no Brasil e que há uma tendência nos dois países a fazer

⁵ “ Temos o *r* fraco que se manifesta como tepe ou vibrante simples [...] e o *r* forte que apresenta inúmeras variantes dialetais...” (Cristofarro, 1999, p.111).

vibrar a parte posterior da língua por várias vezes no véu palatino, o que se aproxima da realização do *r* francês, fato também confirmado por Mattoso Camara.:

“... e o *r* inicial apresenta, como variante facultativa, uma realização velar, que é muito comum na pronúncia carioca, como alhures em Portugal” (Câmara, 1977: 78).

O estudo realizado por Callou (1979) mostra que em posição posvocálica tanto ocorrem a vibrante dita simples como a múltipla. Sendo que em Portugal se verifica a realização simples enquanto no Brasil seu comportamento é, geralmente, de uma consoante múltipla.

Estudando a língua culta do Rio de Janeiro, essa autora verificou que as variantes do (*r*) para a posição prevocálica valem para a posição posvocálica. Sendo que em posição posvocálica final, deve-se acrescentar o zero fonético [ʁ], que é nela muito produtivo. Essa realização, que vinha sendo considerada muitas vezes como popular e incorreta, tem sido verificada nas diversas classes sociais, idades e graus de escolaridade, como prova esse estudo de Callou (1979). Não sendo, assim, coerente, com base nesse e em outros estudos já realizados, atribuí-la aos incultos ou a uma classe desfavorecida economicamente, já que sua realização tem se estendido aos mais diversos estratos sociais e graus de escolaridade.

O apagamento do (*r*) em final de palavra parece configurar-se num processo que se estende às várias regiões do país. Em algumas o fenômeno se encontra bem avançado, como no Rio de Janeiro, por exemplo. Vale lembrar que, mesmo nas regiões onde ele ainda não é predominante, sua manutenção é representada por variantes que caracterizam um certo enfraquecimento que comumente precede seu apagamento:

“Poderíamos dentro do processo de simplificação da sílaba caracterizar várias etapas de mudança do R em posição final: r, R, x, h, ø” (Callou, 1979:145).

No dialeto caipira, além do apagamento, diversas outras realizações são possíveis para a variável (r), quando de sua manutenção; uma delas diz respeito ao já comum chamado (r) caipira. Esse (r), segundo Amaral (1976), assemelha-se ao do inglês, sua realização se dá

“ao se projetar a ponta da língua contra a arcada dentária superior, movimento este que produz a modalidade portuguesa, a língua leva os bordos laterais mais ou menos até os pequenos molares da arcada superior e vira a extremidade para cima, sem tocá-la na abóbada palatal” (Amaral, 1976:47).

Desse mesmo (r) nos fala Melo (1981) ao referir-se à fala do sul de Minas e do norte de São Paulo, onde o (r) posvocálico sofre um processo de vocalização devido à natureza de sua realização nessas localidades: *é muito fácil passar-se desse -r ao -i semivogal e quase velar que se ouve, quando se dá a vocalização: barba > baiba, carne > caine*. Ele acrescenta, ainda, que essa realização pode ocorrer mesmo em final de palavra, como por exemplo, se verificou em Goiás.

Vieira (1983) ao pesquisar aspectos fonéticos-lexicais de 5 (cinco) cidades do estado do Pará, a saber: Alenquer, Itaituba, Óbidos, Oriximiná e Santarém informa que umas das variantes do (r) em posição posvocálica é o [w], por exemplo, [ale~~r~~w] para *Alenquer*, realização que deve se dar devido à aproximação de articulação existente entre as líquidas e as vogais. Em posição final de palavra, diz a autora que a supressão é

categorica, quando não se dá a alternância mostrada acima. Parece que na posição posvocálica interna o apagamento do (r) não é produtivo nestas cidades no estado do Pará. Os dados da autora não mostram apagamento nessa posição.

Head (1985), ao estudar o fenômeno de alternância entre as líquidas no Atlas Prévio dos Falares Baianos, informa que não verificou alternância entre as elas em posição final de vocábulo. Diz o autor, que essa alternância é comum em posição interna, mas não em posição final, pois nesta cai a vibrante, ou seja, o (r) tende a realizar-se como *zero*.

Da retroflexão nos informa também Moura (1993). Diz o autor ter encontrado a realização retroflexa no eixo Curitiba-Cerro Azul, com a seguinte produtividade: apenas 15.3% dos dados por ele analisados correspondem à realização retroflexa [R] em Curitiba, os demais dados correspondem ao tap alveolar [r]; em Cerro Azul, registrou 5.1% e 94.9%, correspondentes respectivamente ao tap alveolar e ao flap retroflexo.

2.3- O (r) final de vocábulo e os processos de posteriorização e fricativização

O (r) final de vocábulo parece vir passando por um processo de posteriorização e fricativização. Esse fonema inicialmente realizado como vibrante tem sofrido um processo de mudança de articulação. Sua articulação vibrante vem sendo sistematicamente trocada pela fricativa, e o ponto de articulação anterior pelo posterior

“Parece fora de dúvida que a articulação anterior do ‘r’ forte foi substituída por uma realização posterior. Gonçalves Viana atesta desde 1983 uma realização deste ‘r’ como fricativa sonora, mas não acrescenta se se trata de uma consoante anterior e em que contexto ele ocorre.”(Callou, 1979:18).

E ainda, em Granda⁶, citado por Callou (1978), lemos:

“Creio que se difundiu grandemente a variante fricativa velar surda e sonora [...], substituindo quase totalmente o R vibrante. Simultaneamente, parece haver-se propagado, [...] uma tendência à conversão da fricativa velar surda[...] em uma aspiração cada vez mais clara”(Granda: 105).

Segundo Callou e Leite (1999), na posição posvocálica, o (r) forte é a tendência no Rio de Janeiro. Sendo que em final absoluto de palavra tende a ser suprimido, e a vogal que o precede sofre um alongamento. Vale dizer que ao ser mantida diante de vogal, o que parece ser comum conforme Callou (1996), realiza-se como uma vibrante simples [r]. Para as autoras a vibrante passa por um processo de mudança de modo e ponto de articulação; sua realização sofre um processo de posteriorização, e já se concretiza mais como uma fricativa do que como uma vibrante, sendo a realização glotal a que precede o estágio de apagamento. Deste ponto de vista, mudança de modo e ponto de articulação, corrobora Bisol (1999) que, baseando-se em Lopez (1979), diz:

“pois um tap apical tornou-se uma vibrante, uma vibrante apical tornou-se uma vibrante uvular, e uma vibrante uvular tornou-se uma fricativa uvular e por fim uma velar.”(Bisol, 1999:199).

A autora acrescenta que os cariocas só têm as duas formas extremas, e que a tendência geral em final de sílaba é o apagamento desse fonema, excetuando-se sua ocorrência diante de vogal, na qual sofre ressilabação, realizando-se como uma prevocálica.

⁶ GRANDA, German de. *L' unité phonétique dans le patois d' une commune*. Halle, 1905.

Cagliari (1981), referindo-se à posteriorização e fricativização, descrito: *tepe apical* > *vibrante apical* > *vibrante uvular* > *fricativa uvular* > *velar aspirada* em (Lopez, 1979:14), diz que estes processos são comuns no Rio de Janeiro e que se constituem uma espécie de caminho para se chegar ao apagamento em posição posvocálica. O autor informa ainda que, embora a realização predominante no dialeto paulista e do Sul seja a alveolar [r], já se percebe entre os falantes a realização da fricativa velar em contextos pré e intervocálico.

Marquardt (1977) acrescenta que no Rio Grande do Sul já se verifica o processo de posteriorização do (r), com certeza, com menos produtividade do que aquela que se verifica na cidade carioca, já que no estado do sul se observa uma comunidade lingüística mais conservadora e certa resistência em relação a essa realização por parte das comunidades bilíngües, conforme, também nos informa Monaretto (2000).

Dentre essas realizações, segundo Callou (1978), a fricativa velar, diferentemente do que acontece no sul do país, onde a realização majoritária é representada por uma vibrante alveolar, é a variante mais praticada na cidade do Rio de Janeiro.

2.4-Manutenção e apagamento do (r) posvocálico

2.4.1- Considerando a posição medial e final de vocábulo

Dentre os vários estudos realizados com o fim de investigar aspectos relacionados ao apagamento do (r) posvocálico, destacam-se alguns realizados na cidade do Rio de Janeiro. Nascentes (1953), ao estudar o linguajar carioca, registra as formas *má e lavá*, respectivamente para *mar e lavar*.

Em trabalho mais recente, Callou et al (1998) realizam um estudo em tempo aparente e em tempo real, com o fim de verificar se o apagamento do (r) na fala culta do Rio de Janeiro caracteriza uma mudança em progresso ou mudança de faixa etária. Para os autores, esse apagamento traz transformações para a estrutura silábica do Português, visto que a mudança que se processa no Rio de Janeiro faz a sílaba travada pela vibrante passar de CVC a CV. O esquema apresentado pelos autores é o seguinte: *R à h à ¼ CVC à CV* (ibidem. p. 61). Para os autores, a variável pode apresentar realização que vai desde uma vibrante alveolar ou uvular até uma fricativa velar ou glotal, ou seja, vai se posteriorizando até chegar ao total apagamento.

Conforme Callou et al (1998) o 1º grupo selecionado pelo VARBRUL foi classe morfológica. Foi nos verbos infinitivos, na 1ª e na 3ª pessoa do subjuntivo que se detectou mais supressão do (r); bem como na posição final, considerando-se verbos e não-verbos. Este último dado confirma os dados de Callou (1996), trabalho no qual a posição interna/externa constituiu-se no fator mais significativo quando da análise feita pelo pacote VARBRUL, visto que o apagamento se dá mais frequentemente no final de palavra devido à posição débil na qual se encontra o fonema. Em não-verbos, a supressão do (r) é baixa: .39 e .33, respectivamente, para os falantes que foram recontatados para a pesquisa e para a nova amostra, contra .77 e .82 para os mesmos falantes em verbos. Segundo os autores, esse dado discrepa de determinadas afirmações que dizem que o elemento fonológico que traz informação morfológica é preservado durante os processos de mudança. A dimensão do vocábulo em se tratando de não-verbos favorece a manutenção da variável, ou seja, quanto menor o vocábulo maior a probabilidade de o (r) não ser apagado. Entretanto, em verbos, sua atuação é neutra. Os resultados encontrados por Callou et al (1998) revelam que o apagamento do (r) continua a avançar, e que é estável; não se constitui numa mudança em progresso; entre os jovens é uma mudança que caracteriza faixa etária, e, diferentemente do que se afirmava há alguns anos atrás, não depende de classe social. Isso quer dizer que a supressão do (r) na cidade do Rio de Janeiro não pode ser atribuída só a uma classe social mais baixa, nem, tampouco, apenas a pessoas de pouca escolaridade, visto que o

apagamento verificado se dá na fala de informantes que representam a norma culta dessa cidade.

Como já foi dito, o fenômeno em estudo não é particular de um espaço específico. Ao contrário, é uma realização que parece expandir-se por todo o Brasil, embora em algumas regiões ele esteja em nível menos avançado do que em outras. Passemos, então, do sudeste ao sul do país.

O apagamento do (r) na região sul é referido num artigo recente de Monaretto (2000). Esse trabalho foi baseado no *corpus* do projeto *Variação do Sul-VARSUL*. Os resultados da análise mostram que a classe morfológica, função, localidade, posição na palavra, dimensão da palavra, idade, contexto precedente, escolaridade e ritmo são as variáveis que condicionam o apagamento da vibrante. A autora explica que a diferença entre os pesos relativos referentes à supressão da variável nos verbos e nos nomes foi bastante significativa. Tem-se, respectivamente, .88, .09 e .29 para verbos, não-verbos e palavras funcionais. É no infinitivo e em final de palavra que mais ocorre o apagamento. Nos verbos, essa queda se dá principalmente entre os jovens, o que, segundo a autora, caracteriza uma mudança em progresso, e na cidade de Florianópolis, pelo fato de nessa cidade se privilegiar a articulação posterior da vibrante. Em não-verbos a dimensão do vocábulo e a posição acentuada inibem a regra de apagamento, que ocorre raramente nos monossílabos e nesta posição. Conforme os dados da autora, o apagamento da vibrante posvocálica é menor que sua manutenção, correspondem respectivamente a 40% e 60%. Sendo assim, não é a variante mais usada entre os falantes das capitais do Sul. Entretanto, esses números e o apagamento entre os jovens revelam uma tendência à supressão do fonema, visto que já se realiza como fricativa velar entre alguns falantes. Segundo Monaretto (2000), o percentual correspondente à queda da vibrante, diferentemente do que se verifica em algumas cidades, como no Rio de Janeiro, por exemplo, diz que o sul do país ainda é uma região conservadora, na qual o apagamento se dá, sobretudo, em posição final de palavra.

Esses dados confirmam a hipótese levantada na literatura que diz ser o apagamento da variável um processo que se inicia em final de palavra e que só depois se estende à posição medial, e mesmo assim muito timidamente. Um outro fato que revela o aspecto conservador do Sul do país é a aplicação da regra de manutenção entre as mulheres, conforme Oliveira et Monguilhott (1999).

Conforme Oliveira (1999) a ausência do /R/ implosivo parece guardar forte relação com o grau de escolaridade. Segundo a autora, que utilizou o *corpus* do projeto *Norma Urbana Culta- NURC*, das 12.811 ocorrências de (r) verificadas em seu trabalho, 7.933 representam a manutenção do (r) implosivo contra 4.878 que configuram a ausência desta variável. As variáveis lingüísticas consideradas quando da análise foram as mesmas utilizadas por Callou (1979): contexto subsequente, vogal seguinte, modo e zona de articulação da consoante seguinte, vogal precedente, tonicidade da sílaba, classe de palavra e carga semântica do segmento. Um dos objetivos do trabalho era a comparação das hipóteses e dos contextos que favorecem o apagamento do (r) implosivo de Salvador e do Rio de Janeiro. Conforme os resultados, o (r) implosivo ainda se mantém na fala culta dos falantes de Salvador, comportando-se majoritariamente como uma constrictiva velar, ou como faríngea uvular, ou até mesmo como uma vibrante simples. A autora acrescenta que quando ocorre a supressão há um alongamento da vogal que a precede. Quanto ao contexto subsequente e o precedente, os dados revelam que o /s/ e /z/ e a vogal /u/ são os fonemas que mais favorecem o apagamento dessa implosiva, pelo fato de os dois fonemas consonantais apresentarem o mesmo modo de articulação da variável e produzirem, então, uma assimilação e devido a essa vogal ser posterior. A tonicidade e os infinitivos verbais são os demais contextos que favorecem o apagamento da implosiva. Sendo que nos verbos em que (r) tem função morfológica, tem-se mais apagamento, já que traz informação redundante.

Tanto o contexto formal quanto o informal apresentam apagamento do (r). Em posição medial o peso relativo é baixo em ambos estilos :.07 para *elocuições formais* e .06 para *diálogos entre dois informantes*, já em posição final o peso relativo é significativo: .94, e .93, respectivamente. Os dados apontam, ainda, .52 de aplicação da

regra para os homens e .46 para as mulheres. O apagamento do (r) é considerado pela autora uma mudança em progresso, já que entre os mais jovens (25-34 anos) ocorre mais o apagamento da implosiva (.59), decrescendo essa ocorrência até chegar a .35 na faixa etária mais alta (+ de 55 anos).

2.4.2-Considerando a posição final de vocábulo

Amaral (1976), ao estudar o dialeto caipira, informa-nos sobre a queda do (r) em final de palavras como andar (andá), esquecer (esquecê), subir (subi), etc. Este autor informa que o (r) cai em palavras como essas, mas que se mantém em monossílabos acentuados como *dor*, *cor*, *par*, atribuindo essa manutenção à *posição proclítica habitual desses vocábulos*. Para ele, a manutenção se dá ainda no monossílabo átono *por* e tende a cair em palavras que apresentam mais de uma sílaba. Completa que em verbos, ainda que estes sejam monossílabos, acontece o apagamento dessa variável. Podendo-se concluir daí, que, mesmo em períodos mais remotos a queda desse fonema já era bastante produtiva nos verbos, talvez porque nesses, embora monossílabos, o (r) veicule informação redundante. Em relação ao aspecto prosódico, que é considerado como um condicionador do ensurdecimento do (r), vale dizer que Paulo Duarte o rejeita, ao prefaciá-lo o livro do autor, *O dialeto caipira*⁷, já que, de sua parte, a prosódia não é um motivador de tal apagamento, acrescentando que nas diversas regiões onde se estudou o fenômeno, a prosódia não é registrada como um fator do qual dependa esse apagamento.

De acordo com a literatura da área, conforme já foi dito, e mais especificamente segundo Votre (1978) é durante século XVI que se têm as primeiras imagens, manifestações do apagamento desse fonema no português do Brasil, justamente na fala do negro, nas peças de Gil Vicente. Até então, esse fenômeno não parece ser atribuído à fala popular, mas especificamente a esse grupo étnico, tanto que

⁷ Amaral (1976).

os diversos personagens das peças de Gil Vicente não apresentavam essa marca estigmatizada, mesmo os mais populares. Parece que a supressão deste fonema se inicia pela posição final e nos verbos, principalmente nos infinitivos, e depois se estende aos não-verbos e à posição medial, onde seu apagamento é mais incipiente. Tanto é verdade, que muitos autores que estudaram o (r) posvocálico, optaram por proceder à análise do apagamento deste fonema, separando verbos e não-verbos e posição final de posição não final. Segundo Callou et al (1998) a polarização entre eles é tão significativa que se não forem analisados separadamente *a seleção dos grupos de fatores significativos não reflete corretamente os ambientes condicionantes do apagamento do R.* (Callou 1998: 67).

Segundo Votre (1978) o apagamento do (r) sofre influência do grau de escolaridade, já que os dados por ele analisados dizem que diferença de supressão da variável entre os universitários e os alfabetizados do *Movimento Brasileiro de Alfabetização- MOBRAL* foi relevante, .64 contra .36, respectivamente, em relação à manutenção.

Esse autor estudou a manutenção do (r) posvocálico na fala de alfabetizados do *MOBRAL* e dos universitários do Rio de Janeiro. Sua amostra se compunha de 13 informantes dos quais 9 eram alfabetizados (5 homens e 4 mulheres), 3 universitários e 1 secundarista, entre 15 e 54 anos. Inicialmente ele controlou 5 variáveis lingüísticas, mas depois considerou apenas 4 (quatro), já que a prosódia foi abandonada. Essa atitude vai ao encontro da opinião de Duarte (1976), prefaciador de *O dialeto caipira*, que afirma ser a prosódia irrelevante para o apagamento do (r). Os resultados da pesquisa de Votre demonstram que o apagamento da variável está relacionado ao grau de escolaridade, já que os universitários favoreceram a aplicação da regra de manutenção enquanto os alfabetizados do *MOBRAL* a inibiram. Para ele, o que há é uma variável estável, pois o fenômeno que se encontrava apenas na fala do negro já se encontra muito acentuado. Diz ele, que tem-se uma regra variável que é liderada pelo grupo não escolarizado. Acrescenta que a regra de apagamento vai em direção à norma padrão e é condicionada por fatores lingüísticos e extralingüísticos.

Conforme, ainda, os resultados desse autor, o sexo é uma variável pouco relevante, ou seja, as regras são quase as mesmas para os dois grupos: .58, .42, respectivamente para homens e mulheres. Na variável idade encontra-se um tímido distanciamento entre velhos e não-velhos (.47, .53).

Um aspecto curioso no estudo realizado por Votre (1978), diz respeito ao significativo apagamento desse fonema mesmo quando a palavra seguinte começa por vogal. Diferentemente do que acontece tradicionalmente na literatura da área, a estrutura da sílaba travada pelo (r) não se transformou em sílaba aberta como era de se esperar quando a palavra seguinte inicia por vogal, o que, segundo ele, leva a pressupor que a transformação desse tipo de sílaba, tende mais a supressão do que à ressilabação.

Oliveira et Monguilhott (1999) estudaram a *presença versus ausência* da vibrante em final de palavra na fala de Santa Catarina. Sua amostra se compunha de um *corpus* formado de 32 informantes do projeto VARSUL, os quais pertenciam às cidades de Florianópolis, Chapecó, Blumenau e Lages. As autoras controlaram variáveis extralingüísticas (idade, sexo, escolaridade e etnia) e lingüísticas (classe de palavra, contexto fonológico seguinte, contexto fonológico precedente, acento e ocorrência na palavra). Dentre os 800 dados analisados, 231 representam a ocorrência da vibrante, o correspondente a 29% do total. Enquanto 569, o correspondente a 71% deles, apontam seu apagamento. As mulheres preservaram a vibrante mais que os homens (.56 contra .44, em relação à manutenção). Esses números, segundo a autora, confirmam que as mulheres tendem a privilegiar a marca de prestígio e se aproximam dos resultados de Oliveira (1982), que também encontrou mais entre as mulheres a forma dita padrão, a presença da variável. Mas, por outro lado, afastam-se dos resultados obtidos em Votre (1978), onde os homens mantiveram mais a variável do que as mulheres. Em relação à variável escolaridade, .58 para o colegial e .42, para o primário, os dados corroboram os resultados de Votre (1978), os menos escolarizados apagaram mais. Com relação à etnia, a manutenção da vibrante apresenta um quadro decrescente (.57, .54, .54, .35) que corresponde respectivamente às cidades de Chapecó, Blumenau, Florianópolis e Lages. Para as autoras essa manutenção guarda relação com as características da vibrante

realizada em cada uma das cidades. Em relação à classe de palavras, o verbo lidera a queda da vibrante com apenas .32 de manutenção. Nos advérbios a manutenção é categórica, vindo em seguida os substantivos (.94), preposição (.92), adjetivo (.89). Os resultados em relação ao contexto precedente corroboram os de Callou (1979:89): *quanto mais arredondado o traço da vogal precedente, maior a tendência da preservação da vibrante*. As palavras que apresentam sílaba única lideram a manutenção da vibrante, que ocorre respectivamente em ordem decrescente: em sílaba final (.65), em sílaba única medial do grupo (.50) e em sílaba final de palavra e medial do grupo (.45). As autoras atribuem a manutenção da vibrante em palavras de sílaba única ao fato de seu apagamento produzir alteração de sentido como em *mar, bar, lar*.

Em Oliveira (1997), dos 480 dados reanalisados para estudo do (r), 458 correspondem ao seu apagamento. Para ele, o fenômeno já tem caráter quase categórico

“Neste caso o VARBRUL rejeitou todos os grupos de fatores, estruturais (como vogal precedente, ambiente seguinte, etc) e não estruturais (idade, sexo, classe, etc), como significativos para o processo de cancelamento”
Oliveira (1997:39).

Em posição interna, para o autor, esse apagamento não é tão produtivo, chega até a ser incipiente. Se considerados os casos de *porque*, forma muito recorrente no *corpus*, chega a 12%, entretanto, se desconsiderada essa forma, o percentual correspondente ao apagamento do (r) é 6.08%. Em sílaba final de nominais, o percentual é de cerca de 33%. Esses dados dizem que o apagamento do (r) em final de verbos é mais produtivo que o medial e final de nominais. É mais antigo também, visto que, segundo Tessier (1959), o fenômeno já tem pelo menos 500 anos na nossa língua; daí ser mais recorrente em final de verbos do que em final de nominais, ocorrendo nestes últimos, bem mais cancelamento dessa variável do que em posição interna.

O apagamento do (r) final de vocábulo é também referido por Silva (1987), que informa ter encontrado entre as variantes possíveis para essa variável, como o [r] e o [h], por exemplo, o zero fonético [∅].

Um aspecto a discutir, a partir da revisão realizada, diz respeito a manutenção do (r) posvocálico. Embora alguns autores, como Oliveira (1999), refiram que o (r) posvocálico se manteve quando de sua pesquisa, é preciso considerar que essa manutenção se dá se não forem separados os contextos interno e externo. Parece que seria mais coerente analisar separadamente esses contextos, pois alguns grupos de fatores que favorecem a manutenção da variável em posição interna são categoricamente irrelevantes em posição externa. Caso não sejam separados, como diz Callou (1979), *os resultados da análise computacional não refletem coerentemente a relevância dos grupos de fatores*. Nesse caso, afirmar a predominância da manutenção sobre o apagamento em posição posvocálica parece ser muito genérico, já que isso se dá rotineiramente em posição posvocálica interna, pois em posição externa tem-se o contrário. Tanto é verdade, que Oliveira (1997) diz que em posição final de palavra o VARBRUL desconsiderou todos os grupos de fatores quando do estudo do apagamento do (r) posvocálico, dentre os quais alguns foram considerados quando da análise em posição interna.

Observações como essas, bem como a atenção feita sobre a fala dos informantes durante a coleta de dados e sua manipulação quando da transcrição grafemática e fonética, levaram-nos a optar por uma análise que leva em conta apenas a posição final de palavra, pois acreditamos que os resultados obtidos a partir do cômputo das duas posições seriam bem distintos, assim como o são grande parte de seus condicionadores.

Tendo como hipótese a aplicação quase categórica do apagamento, devido à posição de coda em que a variável em estudo se encontra, resolvemos decidir pela análise específica do (r) em posição final de vocábulo.

Observamos, outrossim, que algumas variáveis lingüísticas e não lingüísticas têm sido repetidamente consideradas em trabalhos de cunho sociolingüístico que investigam o comportamento do (r) em final de vocábulo. Isso, ao contrário de ser uma repetição aleatória ou desprovida de originalidade, parece comprovar a relevância dessas variáveis, bem como ratifica sua validade, pois à medida que essas variáveis vão sendo testadas e confirmadas, é possível inferir a respeito dos condicionadores das variantes possíveis para o (r) em final de palavra..

Como se pôde ver, durante esse breve olhar sobre os trabalhos apresentados, o processo de apagamento do (r) posvocálico medial, e, mais especificamente do final, tem se estendido pelas diversas áreas do território brasileiro. Parece ser um fenômeno que resulta de fatores extra e intralingüísticos. Os autores acima citados já elencaram alguns desses aspectos, mostrando que essa variação pode ser sistematizada; ora se aproximando, ora se distanciando uns dos outros, o que engendra a necessidade de estudo sobre esse fenômeno, principalmente na região norte, onde a investigação referente à realização dessa variável é bastante tímida. Este é o primeiro trabalho de cunho sociolingüístico realizado na cidade de Itaituba e no estado do Pará, que se propõe a investigar a realização do (r) em final de palavra.

Dentre as variáveis estudadas pelos autores acima citados, algumas serão retomadas em nosso trabalho, pois durante a manipulação dos dados pareceram-nos significantes para a construção dos grupos de fatores. Assim, pretende-se considerar as variáveis lingüísticas como: tonicidade e dimensão do vocábulo, classe de palavra, vogal precedente, contexto seguinte, ponto de articulação da consoante seguinte, vogal seguinte e modo de articulação da consoante seguinte, e variáveis não lingüísticas como: idade, sexo, escolaridade e renda.

3 METODOLOGIA

A Sociolingüística Quantitativa é um modelo lingüístico que tem como um dos precursores Willian Labov (1972), e pretende que toda variação é condicionada por fatores lingüísticos e/ou não lingüísticos.

Através do método da Sociolingüística Quantitativa, por meio de programas elaborados especialmente para realizar cálculos estatísticos, pode-se também interpretar os fatores que condicionam a variação. O lingüista poderá saber, a partir dos pesos relativos fornecidos pelo programa de regra variável, a probabilidade de uma certa variante se realizar, dependendo, por exemplo, do grupo social a que pertence determinado falante.

“Labov demonstrou, porém, que a variação não é livre: ela é determinada por fatores extralingüísticos e intralingüísticos de forma predizível.” (Callou, 1979: 30).

Adotamos neste trabalho, com base na teoria da variação, variáveis lingüísticas e sociais que constituem grupos de fatores que serão quantificadas pelo pacote computacional VARBRUL. Mas antes de proceder a esse tratamento estatístico, alguns procedimentos metodológicos foram tomados. Cabe então, descrevê-los, a fim de que se saiba que os resultados aqui obtidos são reflexo de uma determinada postura metodológica adotada, pois é bem possível que se tivessem resultados diferentes, caso outros procedimentos ou enfoques fossem adotados.

3.1- O Atlas Geo-sociolingüístico do Pará (O ALIPA)

Antes de referir o *corpus* com o qual trabalhamos, achamos necessário apresentar o projeto em cuja metodologia ele está baseado, o Projeto *Variação e Mudança Lingüística: o Atlas Geo-sociolingüístico do Pará- ALIPA*⁸, que tem como objetivo identificar e mapear as variações fonéticas e lexicais desse estado. Para a pesquisa do ALIPA foram selecionadas 6 (seis) mesorregiões do estado do Pará, a saber: Mesorregião Metropolitana de Belém, Mesorregião do Marajó, Mesorregião do Baixo Tocantins, Mesorregião do Nordeste Paraense, Mesorregião do Sudeste, Mesorregião do sudoeste, as quais, por sua vez, foram subdivididas em 57 pontos de inquérito, para uma investigação, de base dialetológica, da linguagem rural. Dentre esses pontos, selecionaram-se 10 (dez) para aplicação de entrevista de orientação sociolingüística, na zona urbana, além da investigação de cunho dialetológico. São eles: Belém, Abaetetuba, Cametá, Santarém, Altamira, Itaituba, Breves, Conceição do Araguaia, Marabá e Bragança, em cada uma das quais serão entrevistados 42 informantes, nativos da localidade, e cujos pais também o sejam (cf. Razky, 1998).

A importância desse projeto para os estudos lingüísticos no Brasil e no Pará reside no fato de que ainda não se tem uma descrição rigorosa da fala paraense. É rara a menção que se faz à descrição e variação lingüística neste estado. Dois estudos já conhecidos são os desenvolvidos por Vieira (1983) e Nina (1989). Além desses, pode-se citar duas recentes dissertações: Carvalho (2000) e Negrão (2001). Daí, pode-se perceber quão raros são os trabalhos que descrevem e analisam a variação lingüística do Estado.

⁸ Esse Projeto está em andamento desde 1996, sob a coordenação do prof. Abdelhak Razky, na Universidade Federal do Pará (cf. www.ufpa/alipa.br).

3.2- A comunidade Pesquisada: Itaituba

A cidade de Itaituba começou como um pequeno aglomerado, popularmente conhecido como Beiradão, na margem do rio Tapajós. O nome Itaituba é de origem tupi e significa *o lugar de pedregulhos*. Entre os indígenas era comum se denominarem lugares baseando-se em aspectos visuais, físicos do lugar que nomeavam. À margem esquerda do Tapajós existem até hoje pequenas pedras (seixos). Esse aglomerado de pequenas pedras deve ter motivado o nome da cidade, já que *ita*, significa pedra; *i*, pequena; *tuba*, lugar de abundância. Conforme dados do *Programa de Integração dos Municípios da Amazônia- PRIMAZ*⁹, a origem da cidade está ligada à conquista do rio Tapajós pelos portugueses.

“Essa conquista foi impulsionada pela necessidade de defenderem o rio Amazonas dos invasores estrangeiros, que tentaram conquistar o estuário amazônico. Para combater tais invasões foram organizadas várias expedições pelo governo português dentre as quais uma comandada por Francisco Caldeira Castelo Branco em 1616[...] para Itaituba a expedição mais importante foi comandada pelo capitão Pedro Teixeira, que em 1626, pela primeira vez atingiu o rio Tapajós. Ao penetrar pelo mesmo, no local hoje conhecido como Alter do Chão, manteve o primeiro contato amigável com os naturais da região. Em 1639 o capitão Pedro Teixeira voltou com nova expedição, adentrou o rio Tapajós e verificou, entre outras coisas, a sua franca navegabilidade, por uma grande extensão”(PRIMAZ, 1996: 3).

⁹ BRASIL. MINISTÉRIO DE MINAS E ENERGIA. Secretaria de Minas e Metalurgia. Companhia de Pesquisa de Recursos Minerais. Diretoria de Recursos Humanos. *Programa de Integração Mineral no Município de Itaituba*. Belém, 1996.

Depois que essa última expedição descobriu a possibilidade de navegação do rio, chegaram os jesuítas, com o propósito de catequizar os índios. Assim, Francisco da Costa Falcão construiu um forte, bem como aldeamentos que foram bastante produtivos principalmente entre os anos compreendidos entre 1742 e 1747.

3.2.1- Aspectos geográficos

A cidade de Itaituba está localizada na porção sul da Amazônia oriental, mais precisamente na região sudoeste do Pará. É uma das dez maiores cidades do Estado. Está localizada na região conhecida como *Zona Fisiográfica do Tapajós*. Limita-se ao norte com o município de Aveiros, ao sul, com os municípios de Jacareacanga e Novo Progresso, a leste, com os municípios de Trairão, Altamira e Rurópolis, a oeste, com o Estado do Amazonas.

Itaituba está cerca de 891 km distante de Belém. Até 1993 o município de Itaituba era considerado o município mais extenso do Pará, e um dos maiores do mundo. A partir desse ano foi dividida em três outros municípios, a saber: Jacareacanga, Novo Progresso e Trairão, ficando com uma extensão ainda bastante significativa que corresponde a 62.565 km.

Itaituba fica localizada às margens do Tapajós, rio pelo qual é banhada 95% de sua extensão, conforme se verifica na figura abaixo. Sendo o restante banhado pelo rio Amana. Suas coordenadas geográficas são: 04° 16'34'' de latitude ao sul, e 55° 59'06'' de longitude de Wgr. Sua altitude é de ordem de 45m. Apresenta relevo ondulado, mas não muito elevado. Clima quente e úmido com duas estações definidas: seca, que vai de junho a novembro; chuvosa, que começa em dezembro e se estende até o mês de maio. Sua vegetação é caracterizada pelas florestas tropicais: densa e aberta.



Fonte: Itaituba Hoje, ano 2000, p. 3

3.2.2- Economia

O período do extrativismo da borracha foi a fase que antecedeu o garimpo. Após o enfraquecimento dessa atividade, houve um grande retrocesso na economia da cidade. Até que no final da década de 50, por volta de 1958 aconteceu uma grande corrente migratória devido à extração do ouro no rio Tropas. Essa migração desencadeou o maior índice demográfico já conhecido no estado do Pará, e foi responsável por uma grande miscigenação racial. Dentre as causas dessa migração, estava a necessidade de mão de obra especializada para trabalhar no extrativismo do ouro e, é claro, a corrida pelo ouro, encabeçada principalmente por maranhenses e cearenses¹⁰, embora se saiba que pessoas de todo o país, e até de outros países vieram para Itaituba atraídos pelo grande número de garimpos em que exploravam o metal precioso.

¹⁰ Durante a coleta de dados para construção deste trabalho, pôde-se perceber quão mesclada é a população de Itaituba, havendo momentos em que foi extremamente difícil encontrar um indivíduo que não tivesse naturalidade nordestina ou sulista.

Além dessa atividade econômica historicamente conhecida em Itaituba, há outros minerais que, segundo estudos realizados pela *Companhia de Recursos Minerais-CPRM*, oferecem possibilidade de crescimento, se investimentos não aleatórios forem neles realizados. São eles: água, já que o distrito de Miritituba tem duas fontes minerais, hoje desativadas, que funcionaram em 1992, e parecem estar em negociação para posterior reativação; estanho, encontrado em abundância na unidade da Maloquinha, que durante os anos compreendidos entre 1978 e 1980 chegou a produzir 30 toneladas ao mês; materiais de construção como areia, argila, calcário e minerais pouco extraídos devido ao fascínio e rápido retorno promovido pela garimpagem do ouro, como diamante, topázio e outras gemas.

Dentre os hortifrutigranjeiros destacam-se a pimenta-do-reino, banana, coco, arroz, milho, feijão do sul, mandioca, cupuaçu, abacaxi, maracujá, cana-de-açúcar. Os três primeiros chegam a ser exportados para outros estados.

Dentre a atividade pecuária em Itaituba, pode-se citar a criação de bovinos, suínos, eqüinos, caprinos, ovinos, bubalinos, muares. Sendo a atividade bovina a mais produtiva da cidade. Chega-se a exportar 5% dessa produção para outros estados, ficando o restante para o consumo interno. Essa atividade, conforme estudos realizados pelo Primaz, apresenta potencial para desenvolver-se. Já acontecem na localidade feiras, rodeios e, inclusive, exportação de gado de raça.

O látex de borracha e a castanha-do-pará têm produção igual a 3 e 40 toneladas/ano, respectivamente. A produção da primeira é destinada à exportação. Já desta última, apenas 1(uma) tonelada/ano é destinada ao consumo externo. Destacam-se ainda entre os produtos vegetais madeiras nobres como: mogno, andiroba, ipê, copaíba, sucupira, pequi, itauba, fabeiro, entre outras. A Transamazônica é a rodovia utilizada para a exportação. A indústria madeireira ainda está se instalando no município. Embora lá existam algumas serrarias de grande porte, e a produção dos móveis apresente qualidade, *a indústria moveleira é incipiente, artesanal*. Essas atividades apresentam um grande potencial, de acordo com o PRIMAZ, mas precisam ser bem administradas.

Principalmente a primeira, pelo fato de não sofrer atualmente uma fiscalização rigorosa, o que pode causar prejuízo à *ainda quase preservada floresta Equatorial*.

Estudos realizados pelo Programa de Integração Mineral da Amazônia vêm, também, possibilitando de crescimento e atrativo na atividade oleira, já que a cidade fica às margens do rio Tapajós onde constantemente é depositado material argiloso; na pesca, que ainda não foi muito explorada pelo fato de a população não ser grande consumidora de peixe; e no turismo, devido à beleza do rio Tapajós, suas praias, corredeiras, cachoeiras, áreas indígenas, entre outros.

Quanto ao comércio, não apresenta mais o mesmo movimento verificado no auge da garimpagem. É diversificado, e seus preços já não são próprios do garimpo, equiparando-se aos preços da capital. Devido à retração da atividade garimpeira, houve desativação de vários estabelecimentos comerciais e crescimento de atividades comerciais informais, como de camelôs, por exemplo.

3.2.3- População

Segundo o *Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística- IBGE*, até o final da década de 60, podia-se verificar um certo equilíbrio entre o número de homens e mulheres no município de Itaituba, bem como a estabilidade no crescimento demográfico. Atestou-se até que na década de 70 houve uma certa diminuição no crescimento da população em relação à década de 60.

O censo referente a essa década demonstrava que a maior parte da população se concentrava na zona rural. A proporção era igual a 10:1. Entretanto, nas últimas décadas houve uma explosão demográfica no município, que deve ter sua causa na corrida pelo ouro, tendo como principais migrantes maranhenses e cearenses, além de sulistas; bem como pessoas de outros estados do país, e até de outros países. O censo de 1991 mostra que o processo migratório continuou, e neste ano a cidade chegou ao

número de 116.541 habitantes, número significativo, se levado em conta que esse município já havia sido dividido nos três municípios já referidos; sendo maior o número de homens em relação ao de mulheres (ver ANEXO A).

Na página seguinte, o mapa da zona urbana de Itaituba mostra a distribuição dos informantes por bairros. Os códigos utilizados para indicar cada informante são os mesmos que serão utilizados para codificá-los socialmente no arquivo de dados (cf. p. 54).

limpa

3.2.4- Educação

Conforme dados do PRIMAZ, foi só a partir de 1995 que o município de Itaituba passou a contar com o 3º grau de ensino em seu sistema educacional. Neste ano foram ofertadas, pela Universidade Federal do Pará, 50 (cinquenta) vagas para o curso de Licenciatura em Letras e Artes. Essa turma concluiu o curso em outubro de 2000. Atualmente funcionam na cidade, também em período intervalar¹¹ Letras, Matemática (UFPa) e o curso de Pedagogia (UEPa).

O 2º grau só está disponível na zona urbana e apresenta 46 turmas, contabilizando um total de 2.206 alunos. Oferece os cursos de magistério, contabilidade e administração de empresas em período regular, e cursos durante os meses de janeiro e julho para os professores da zona rural que não terminaram o 1º ou o 2º grau (Projeto Gavião). O 1º grau, atualmente, atende alunos na sede municipal, na área ribeirinha, nos garimpos e na zona rural.

Além disso, funcionam na cidade, o curso supletivo que atende 3.774 alunos que estão divididos em 98 turmas, e o curso técnico em agropecuária que atende 225 alunos (5 turmas). Ao todo, a educação em Itaituba conta com 653 professores, distribuídos entre 167 escolas; 31.524 alunos, número bastante reduzido em relação ao seu contingente populacional.

Conforme a fala de alguns informantes, moradores de Itaituba, existe lá um grande número de desempregados, e grande parte da população vê perspectivas de emprego no funcionalismo público, que parece, também, encontrar-se em crise, pois em dezembro do ano de 2000, os funcionários públicos denunciavam três meses de atraso de salário.

¹¹ Período que compreende, geralmente, meses de férias e recesso dos professores: julho e 1º quinzena de agosto; janeiro, fevereiro e 1º quinzena de março.

3.3- O *corpus*: constituição e tratamento

O *corpus* utilizado para estudo do (r) final de vocábulo é composto de 35 relatos de 35 (trinta e cinco) informantes, estratificados socialmente, obedecendo-se aos critérios sociais estabelecidos no projeto Variação e mudança Lingüística: o Atlas Geosociolingüístico do Pará, conforme Razky (1998), os quais serão explicitados em tabela própria na página 51.

O objetivo dessa etapa do trabalho foi coletar um *corpus* representativo da fala da zona urbana de Itaituba. Assim, alguns critérios foram seguidos, a fim de que se resguardasse a credibilidade do *corpus*.

3.3.1- Os informantes

Os informantes que compõem o *corpus* são todos nascidos e criados na cidade de Itaituba. Os pais também devem ter nascido em Itaituba, ou pelo menos um deles. Obedecer a esse critério foi para nós muito trabalhoso, pois, como foi dito no item 3.2.2 deste capítulo, Itaituba é uma cidade na qual residem pessoas de todas as regiões do país devido à sua atividade garimpeira. É muito forte a presença principalmente de maranhenses, piauienses, cearenses e sulistas. Assim, decidimos que, se não fossem encontrados informantes que fossem filhos de pai e mãe itaitubenses, optaríamos por aqueles que tivessem pelo menos um dos genitores nascido na cidade, e depois por aqueles que tivessem pais nascidos no Pará.

Tivemos muita dificuldade em encontrar pessoas da terceira faixa etária que preenchessem todos os critérios, mas não houve nenhum caso em que não tivéssemos encontrado informante que tivesse pelo menos um dos genitores nascidos na cidade.

O *corpus* começou a ser coletado em fevereiro de 2000 e só teve sua conclusão em dezembro do mesmo ano. Esse fato contribuiu para o constante

redimensionamento da coleta de dados, pois quando do retorno para fazer novas entrevistas, aproveitamos para refazer ou substituir gravações que apresentavam algum inconveniente.

3.3.2- As entrevistas

Os relatos de experiências colhidos na cidade de Itaituba têm em média duração de 20 (vinte minutos) e foram gravados em fita cassete. Trabalhar com o relato de experiência é uma decisão metodológica que visa fugir de realizações lingüísticas pouco naturais, como se percebe quando do uso de questionários, pois nosso interesse é *o veículo lingüístico de comunicação usado em situações naturais* (Tarallo, 2000:19), embora se saiba que ele não dá conta de superar o desconforto que, de certa forma, a presença do pesquisador traz ao informante.

O relato de experiências pessoais tem sido muito produtivo no alcance desse objetivo. Embora o informante aos primeiros minutos de sua fala apresente uma certa preocupação com o gravador e com a presença do pesquisador, envolvido emocionalmente com sua história, após alguns minutos do início de seu relato, presta o mínimo de atenção ao como relata:

“Em suma, a língua falada é o vernáculo: a enunciação e expressão de fatos, proposições, idéias (o que) sem a preocupação de como enunciá-los. Trata-se, portanto, dos momentos em que o mínimo de atenção é prestado à língua, ao como da enunciação” (TARALLO, 2000: 19).

Uma das dificuldades encontradas ao se trabalhar com o relato de experiência, está, ao nosso ver, no fato de que, quando encontramos um informante

muito tímido, ou que conta os fatos de maneira muito sucinta, há necessidade de se fazer constantes interferências durante as pausas, ao final dos relatos contados. Entretanto, apesar desse inconveniente, achamos bastante produtivo o trabalho com os relatos, pois quando do envolvimento dos informantes, grava-se falas com características naturais.

Todas as pessoas que se dispuseram a ser nossos informantes, responderam a ficha que chamamos de *ficha do informante* (ANEXO B). Nela constam dados pessoais, sociais, financeiros sobre a vida do informante. Essas informações nos ajudam a controlar alguns critérios e, principalmente, as variáveis sociais.

3.3.3- Transcrição e codificação dos dados

Feita a coleta de dados e após o *corpus* ter sido transcrito grafematicamente, procedemos à triagem, que consiste na retirada de todos os contextos em que ocorreu o (r) final de palavra; e, finalmente, à transcrição fonética¹² do ambiente fonético no qual se encontrava o fenômeno estudado, já que não era suficiente a transcrição apenas do vocábulo, visto que consideramos o (r) em final de vocábulo seguido ou não de pausa. Seguimos com a codificação e preparação dos dados no arquivo de dados (EDIT). O pacote VARBRUL, deu-nos os resultados que submetemos à análise e interpretação lingüística.

Embora tenhamos retirado do *corpus* todos os contextos em que ocorreu o fenômeno estudado, posteriormente desconsideramos as formas muito repetidas que apresentavam a mesma realização como, por exemplo, [iʃtuˈda]. Isso foi muito recorrente nos verbos e nomes, bem como na faixa etária mais alta e entre os menos escolarizados, visto que eles costumam geralmente repetir as formas para enfatizar,

¹² A fonte utilizada para a transcrição fonética dos dados foi a *IPAKIEL*, baseada nos símbolos fonéticos do IPA.

superlativizar o que dizem. Essa decisão foi tomada com o fim de evitar que um mesmo dado se repetisse várias vezes na fala de um mesmo informante, o que poderia alterar os resultados. Foram codificados ao todo 2.727 dados.

Feita a transcrição grafemática no arquivo de dados, escolhemos símbolos que representassem os fatores constituintes de cada grupo de fatores considerados para a análise, os quais serão apresentados quando da apresentação das variáveis dependentes e independentes.

3.4- Hipóteses iniciais

A partir de observações fortuitas quando da coleta e manipulação dos dados, e da revisão da literatura, foi-nos possível estabelecer algumas hipóteses, que chamamos de iniciais, pois quando da codificação e resultados fornecidos pelo pacote computacional, essas inferências iam se redimensionando.

Uma hipótese mais geral diz respeito à variação e realização da variável (r). Pensamos que o apagamento seria predominante, e que, ao manter-se, tal variável seria representada, sobretudo, por uma realização glotal [h], já que o apagamento parecia estar avançado, e a variante que o precede, é, geralmente, representada por essa variante nos estudos realizados sobre o apagamento dessa variável.

As demais hipóteses, de natureza lingüística, eram as seguintes:

- a tonicidade articulada com a dimensão do vocábulo condicionaria a manutenção do (r) final de vocábulo; as palavras de menor extensão, cuja sílaba acentuada apresentasse esse fonema, sofreriam menos apagamento do que as demais palavras;

- os verbos apresentariam mais alta taxa de apagamento, justamente pela redundância informativa veiculada quando de sua manutenção;
- as vogais posteriores favoreceriam o apagamento quando representassem o contexto antecedente ou o seguinte;
- a consoante subsequente, no que tange ao modo e ponto de articulação, favoreceria a aplicação da regra de apagamento quando fosse fricativa, e tanto mais posterior ela fosse;
- a pausa seria o contexto seguinte que favoreceria a não aplicação da regra de apagamento;

Com relação às variáveis sociais supúnhamos que:

- os informantes mais velhos, os mais escolarizados e as mulheres manteriam mais a variável enquanto que os de renda inferior a apagariam.

Construídas essas hipóteses, estabelecemos grupos de fatores que nos pareceram importantes para a posterior confirmação dos postulados acima. Ou mesmo para encontrar correlação entre eles.

3.5-Variável dependente

Os grupos de fatores são constituídos por uma variável dependente, que é o 1º grupo de fatores; e por variáveis independentes de natureza lingüística e social. O (r) final de vocábulo é a nossa variável dependente neste estudo. Suas variantes são: a realização velar [x], glotal [h], tepe alveolar [l] e o zero fonético [∅].

Pareceu-nos, inicialmente, que seria possível realizar rodadas eneárias¹³ dado o número de variantes encontradas, entretanto, depois de algumas manipulações dos dados, ficou claro que as rodadas binárias¹⁴ seriam mais adequadas devido ao grande número de nocautes¹⁵ ocorridos em função do número reduzido de dados para algumas variantes, o que gerou alguns redimensionamentos realizados entre as variantes dessa variável, conforme se explica no capítulo seguinte, após algumas rodadas experimentais no VARBRUL.

3.6- Variáveis Lingüísticas

Pode-se verificar, com base nos trabalhos aqui citados, e quando do tratamentodos dados, que certas variações dentro do sistema são condicionadas pelo ambiente no qual determinadas variáveis se encontram, ou em função da classe de palavra a que pertencem, por exemplo. As variáveis lingüísticas selecionadas para este estudo, a partir da pesquisa bibliográfica, da pesquisa de campo e da manipulação dos dados foram: dimensão e tonicidade do vocábulo, classe de palavra, vogal precedente, contexto seguinte (vogal, consoante e pausa), ponto de articulação da consoante seguinte, vogal seguinte e modo de articulação da consoante seguinte.

3.6.1- Dimensão e tonicidade do vocábulo

Supomos que é nos vocábulos de menor dimensão cuja sílaba acentuada apresenta a variável que menos se dá o apagamento. Para nós, a tonicidade vai constituir-se numa variável irrelevante se analisada isoladamente, assim, optamos por examiná-la concomitantemente com a dimensão do vocábulo. É possível que em

¹³ Rodadas utilizadas geralmente quando se tem mais de duas variantes.

¹⁴ Rodadas utilizadas quando se tem duas variantes. Neste tipo de rodada o peso relativo que indica desfavorecimento se localiza abaixo de .50.

¹⁵ Aplicação ou não aplicação categórica de uma regra. *Comportamento não variável de um fator em relação às variantes em estudo.*

monossílabos tônicos tenhamos menos apagamento do que nos demais vocábulos; quanto maior a dimensão do vocábulo, maior a probabilidade de aplicação da regra de apagamento, principalmente se a variável não figurar na sílaba tônica. Assim, estabelecemos o grupo de fatores que segue: monossílaboônico, monossílabo átono, dissílaboônico, dissílabo átono, trissílaboônico, trissílabo átono, polissílabo.

3.6.2- Classe de palavra

Sabe-se que o apagamento do (r) posvocálico se iniciou nos verbos, mais precisamente nos infinitivos e só depois se estendeu às demais classes de palavras, de acordo com Tessier (1976). Conforme a literatura levantada, o apagamento do (r) em final de vocábulo parece ser muito mais significativo em verbos do que em não-verbos, pelo fato de esse fonema veicular, quando de sua manutenção, informação redundante. Parece que para os falantes é a tonicidade, principalmente nos infinitivos, que tem função informativa; daí não envidarem esforços para a realização da variável. Eis a configuração desse grupo de fatores: verbo, substantivo, adjetivo, preposição, pronomes, advérbio.

3.6.3- Vogal precedente

É comum se dizer que os fones de um determinado enunciado exercem influência uns sobre os outros. Analisamos aqui, o fone que se localiza à esquerda, principalmente pelo fato de ser uma vogal, elemento que apresenta significativa sonoridade. Considera-se para este grupo de fatores a altura e recuo da língua, bem como o grau de abertura da boca, quando da articulação das sete vogais. Os fatores considerados para este grupo foram: alta anterior, alta posterior, média anterior fechada, média anterior aberta, média posterior fechada, média posterior aberta, central baixa.

3.6.4 Contexto seguinte (vogal, consoante e pausa)

O estabelecimento desse grupo de fatores pretende verificar se o (r) final de vocábulo apaga mais diante de pausa, de consoante ou de vogal, sem levar em consideração os traços específicos dessas duas últimas, bem como averiguar a distribuição das variantes da variável em estudo, principalmente quando a palavra que a sucede é iniciada por vogal, a fim de investigar a produtividade da ressilabação. Os fatores vogal, consoante e pausa constituem este grupo.

3.6.5- Ponto de articulação da consoante seguinte

Através do estudo dessa variável queremos verificar se, e como, a posição da língua da consoante seguinte, interfere na realização dessa líquida. Nossa hipótese é que quanto mais posterior for esse elemento mais probabilidade há de a variável (r) apagar-se. Os fatores deste grupo são: bilabial, labiodental, alveolar, palatal, velar, palatalizada¹⁶.

3.6.6- Vogal seguinte

A maioria dos estudos realizados a respeito da variável em estudo, quando considera a realização do tepe alveolar, cita-o como realização própria do contexto caracterizado pela realização do (r) diante de vogal que começa o vocábulo seguinte. Mas não faz observação sobre a possibilidade de a vogal que inicia esse vocábulo interferir nessa realização. Queremos aqui, verificar se a vogal seguinte pode estar, também, exercendo influência sobre o comportamento dessa variável, favorecendo a

¹⁶ Consideramos como palatalizadas as realizações de [t], [d], [n] e [l] diante de [i].

ressilabação. Para tal serão considerados os mesmos traços válidos para o grupo de fatores vogal precedente.

3.6.7- Modo de articulação da consoante seguinte

O modo de articulação da consoante seguinte foi o último a ser estabelecido como um grupo de fatores, pois supúnhamos inicialmente que o ponto de articulação é que interferiria na realização das variantes. Entretanto, durante a manipulação dos dados, verificamos que o modo de articulação de algumas consoantes parecia apresentar-se sistematizável e que o apagamento da variável estava relacionado a essa mudança de articulação. Esperamos que as consoantes que apresentam o mesmo modo de articulação da variável favoreçam o apagamento, por causa de um processo de fusão entre os dois elementos. São fatores deste grupo: oclusivas, fricativas, nasais, laterais e africadas¹⁷.

3.7- Variáveis sociais

Algumas variáveis sociais têm sido comumente consideradas em trabalhos de cunho sociolinguístico quando do estudo do (r) em final de vocábulo ou de outros fenômenos linguísticos. Essas variáveis parecem apresentar certa influência na realização de fenômenos fonológicos, morfológicos e até de cunho discursivo. As variáveis sociais consideradas para este estudo foram: sexo (masculino e feminino); escolaridade (analfabetos, 1º grau, 2º grau); idade (15-25, 26-45, a partir de 46); renda: (baixa, até 400 e média, a partir de 500¹⁸). Em cada faixa etária estabelecida há 6 (seis) homens e 6 (seis) mulheres, excetuando-se a 3ª, na qual temos apenas (5) cinco homens,

¹⁷ Consideramos como africadas as realizações de [t] e [d] diante de [i].

¹⁸ Além da renda foram observadas tipo de moradia e profissão para inclusão dos falantes no grupo de fatores renda.

subdivididos em três graus de escolaridade, quais sejam: analfabetos¹⁹, 1º e 2º graus. Todos os informantes do 2º grau já o completaram. Entretanto os de 1º grau ainda o cursam.

Os 35 informantes que fazem parte deste *corpus* foram estratificados conforme o quadro abaixo:

QUADRO 1: estratificação social

1ª Faixa etária	<i>Homens</i>		<i>Mulheres</i>	
	<i>Escolaridade</i>	<i>Renda</i>	<i>Escolaridade</i>	<i>Renda</i>
15-25 anos	2 (dois) analfabetos	M B	2 (duas) analfabetas	M B
	2 (dois) 1º grau	M B	2 (duas) 1º grau	M B
	2 (dois) 2º grau	M B	2 (duas) 2º grau	M B
2ª Faixa etária	<i>Homens</i>		<i>Mulheres</i>	
	<i>Escolaridade</i>	<i>Renda</i>	<i>Escolaridade</i>	<i>Renda</i>
26-45 anos	2 (dois) analfabetos	M B	2 (duas) analfabetas	M B
	2 (dois) 1º grau	M B	2 (duas) 1º grau	M B
	2 (dois) 2º grau	M B	2 (duas) 2º grau	M B
3ª Faixa etária	<i>Homens</i>		<i>Mulheres</i>	
	<i>Escolaridade</i>	<i>Renda</i>	<i>Escolaridade</i>	<i>Renda</i>
A partir de 46 anos	2 (dois) analfabetos	M B	2 (duas) analfabetas	M B
	2 (dois) 1º grau	M B	2 (duas) 1º grau	M B
	1 (um) 2º grau	M	2 (duas) 2º grau	M B

¹⁹ Consideramos como analfabetos, pessoas que não sabem ler. Todos os analfabetos deste *corpus* já freqüentaram a escola pelo menos durante 1 (um) ano.

A maioria das variáveis sociais utilizadas na construção deste trabalho têm sido constantemente usadas por estudiosos que têm investigado o apagamento do (r) final de vocábulo. Essa é uma oportunidade de verificar a relevância ou não das mesmas variáveis em nosso *corpus*. Daí optarmos por fazer, durante a análise, comparações entre os resultados obtidos e os resultados das pesquisas já realizadas a respeito do fenômeno.

Abaixo, os grupos de fatores construídos, com respectivos códigos e exemplos a eles correspondentes:

QUADRO 2a: DEMONSTRATIVO DAS VARIÁVEIS ESTUDADAS²⁰

Grupo 1: variável dependente	Cod.	Exemplos	Grupo 2: tonicidade e dimensão do vocábulo	Cod.	Exemplos	Grupo 3: classe de palavra	Cod.	Exemplos
Apagamento	0	pahtSiku ^h la	Mon.ônico	@	poh ^h ve	Verbo	4	fazepu ^h E E
Manutenção	R	asu ^h mi ^h	Mon.átono	£	poh ^h mià	Substantivo	5	adodZika ^h besE
			Dissílaboônico	~	m0 a ^h la	Adjetivo	6	hegu ^h la
			Dissílaboátono	?	^h Zu-U	Preposição	7	poh ^h todUS
			Trissílaboônico	#	dEpe ^h deh	Pronome	8	kwaw ^h kE
			Trissílaboátono	&	ukiludZia ^h sukE	Advérbio	D	dZiva ^h ga
			Polissílabo	*	adZiki ^h ix			
Grupo 4: Vogal precedente	Cod.	Exemplos	Grupo 5: contexto seguinte	Cod.	Exemplos	Grupo 6: ponto de articulação da consoante seguinte	Cod.	Exemplos
Alta anterior	I	asu ^h mi ^h	Vogal	V	teu ^h fi ^h U	Bilabial	b	kai ^h mei ^h US
Alta posterior	u	pu ^h kazudamu ^h ´E	Consoante	C	lugaxpe i ^h gozU	Labiodental	l	tefi ^h ´u ^h shaw
Med. ant. fechada	e	vehkia ^h g0 E	Pausa	P	mika ^h za	Alveolar	r	mu ^h ´Enu ^h a ^h ba ^h ´E
Med. Ant.aberta	E	kizE ^h ko ^h a				Palatal	p	pai ^h Zoga ^h du ^h de ^h U
Med.post. fechada	o	tSi ^h -amo ^h to				Velar	v	kE ^h ko ^h a
Med. Post.aberta	O	mi ^h ´Qhdu ^h ke:				Palatalizada	z	aSdoh ^h dZika ^h besE
Central baixa	A	aZu ^h da						

²⁰ Os exemplos utilizados no quadro acima foram retirados da fala dos informantes estratificados socialmente e codificados como: 3AM+, 3BM-, 1CF-, 1BF-, 1AF-, 2BM+ e 3BM+.

Grupo 7: Vogal seguinte	Cod.	Exemplos	Grupo 8: modo de articulação da consoante seguinte	Cod.	Exemplos	Grupo 9: idade	Cod.	Exemplos
Alta anterior	I	te <u>ɪ</u> a'ɪsU	Oclusiva	k	paset a'tadU	15-25	1	iStu'da
Alta posterior	u	pasEka <u>u</u> 'posU	Fricativa	f	sehvi fiEw'metSI	26-45	2	puht aba"´a
Med. ant. fechada	e	te'e'ɪ	Nasal	n	viveh <u>n</u> a'kazɛ	a partir de 46	3	dZifa'ze
Med. Ant.aberta	E	ve <u>E</u> ɛ	Lateral	t	teta Evaav'idɛ			
Med.post. fechada	o	dZi <u>o</u> 'pɔ U	Africada	d	po <u>h</u> dZi'a'atSI			
Med. Post.aberta	O	akwaw <u>kE</u> 'O ɛ						
Central baixa	a	fika <u>a</u> 'ki						
Grupo 10: escolaridade	Cod.	Exemplos	Grupo 11: sexo	Cod.	Exemplos	Grupo 12: renda	Cod.	Exemplos
Analfabetos	A	brigako'migU	Masculino	M	Evavumu"´E	Média	+	pukazudZi'Suvɛ
1º grau	B	depojSdZila'va	Feminino	F	vOwtahnOva'metSI	Baixa	-	mifOh'ma
2º grau	C	ko <u>t</u> Sinu'ah						

Quadro2b

Assim, uma codificação como 0#4aCv/k1AM+,²¹ deverá ser lida como: apagamento (0), em um vocábulo trissílabo tônico (#), verbo (4), cuja vogal precedente à variável é o [a] (a), cujo contexto seguinte é uma consoante (C), velar (v), oclusiva (k); que ocorreu a um informante da 1ª faixa etária (1), analfabeto (A), do sexo masculino (M), de renda média(+).

Como se pode ver, as 4 (quatro) últimas variáveis são sociais e as 8 (oito) primeiras lingüísticas, somando ao todo 12 (doze) grupo de fatores, incluindo-se a variável dependente.

Após as rodadas com estes grupos de fatores, procedemos à criação de 4 (quatro) outros grupos de fatores de cunho social. Eles são resultado do cruzamento entre as variáveis sociais utilizadas neste trabalho (idade, escolaridade, sexo e renda). O objetivo deste procedimento foi obter resultados mais precisos referentes a atuação dos fatores sociais sobre o apagamento. Antes deste procedimento, saberíamos, por exemplo, se as mulheres apagariam mais do que os homens, mas não teríamos resultados que nos permitissem saber, se isso ocorreria em todas as faixas etárias. Com o cruzamento foi possível obter essa informação. Os grupos de fatores resultantes do cruzamento foram:

- sexo e idade
- idade e escolaridade
- sexo e escolaridade
- renda e escolaridade

Os códigos utilizados para os grupos que resultaram do cruzamento, neste trabalho, respeitam a codificação usada para os grupos de fatores sociais. Assim, o

²¹ A barra na cadeia de codificação significa que o fator não se aplica. No caso, não se aplica nenhum fator do grupo de fatores vogal seguinte, já que tem-se uma consoante como contexto subsequente à variável.

resultado do cruzamento entre a 1º faixa (1) e os falantes de 2º grau (C) foi indicado pelos códigos 1C, conforme se verifica no item 4.4.

4 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Conforme foi dito na Metodologia, planejávamos fazer inicialmente uma rodada eneária, pois pensávamos que teríamos dados suficientes das quatro variantes para fazê-lo, embora já prevíssemos que a recorrência do zero fonético [ʔ] seria bem superior às das demais variantes. Entretanto, com a ajuda do TSORT, programa integrante do pacote computacional VARBRUL, foi possível verificar que algumas das variantes que incluiríamos na análise eneária apresentavam um número bastante reduzido de ocorrência. Assim, optamos por referir as variantes identificadas no *corpus* e realizar rodadas binárias entre as que apresentavam número de ocorrência significativo, fazendo a oposição manutenção x apagamento.

As variantes do (r) final de vocábulo encontradas e codificadas em nosso *corpus* foram:

QUADRO 3

Variantes codificadas	códigos
Fricativa velar surda e sonora	X
Tepe alveolar	H
Fricativa glotal surda e sonora	R
Zero fonético	0

Identificamos no *corpus*, por meio do programa acima citado, 96 (noventa e seis) realizações do tepe alveolar, todas ocorridas diante de palavra que iniciava com vogal, na qual a variante em estudo passava de posição posvocálica à posição prevocálica, provocando a reestruturação da sílaba, passando, esta, de fechada à aberta. Cabe, ainda dizer, que 74 (setenta e quatro) dessas realizações ocorreram com a preposição *por* como em [pu' |isU] (por isso). Os dados restantes ocorreram diante de

palavras dissílabas, geralmente verbos. A realização velar [x] corresponde a 16 dados do *corpus*. Aconteceu principalmente na fala de indivíduos da terceira faixa etária, na sua maioria analfabetos.

De posse desses números, pareceu-nos mais adequado realizar rodadas binárias, como geralmente se tem feito quando se estuda o (r) em final de vocábulo, principalmente quando seu apagamento se encontra avançado, o que resulta num número reduzido de outras variantes, ou de dados a elas correspondentes. Além disso, a pequena quantidade de dados de algumas variantes favoreceu muitos nocautes. Procedemos, assim, a rodadas binárias entre o zero fonético [P] e a fricativa glotal [h], já que eram as variantes que apresentavam número significativo de ocorrências, deixando para um momento posterior, ainda neste trabalho, algumas observações a respeito das outras variantes encontradas no *corpus* : o tepe alveolar [ʀ] e a fricativa velar [x].

O gráfico abaixo, ajuda a visualizar, e a perceber melhor a discrepância que tínhamos em relação ao número de realização das variantes do (r) final de vocábulo em nosso *corpus*:

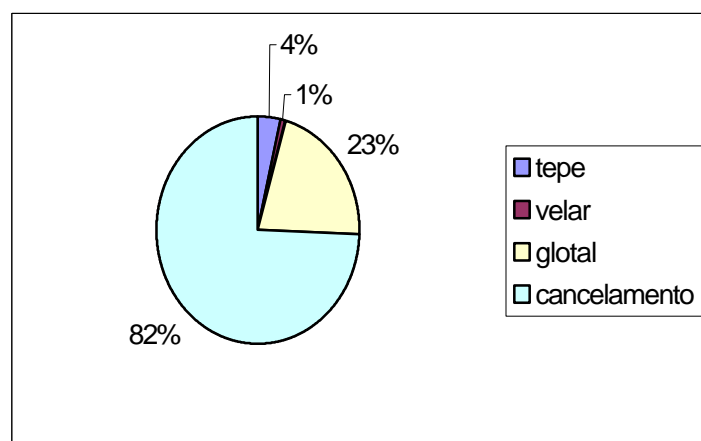


GRÁFICO 1- percentuais correspondentes às variantes do *corpus*, conforme resultados fornecidos arquivo de células. N° de dados codificados: 2.727 dados.

Após a retirada das duas variantes acima citadas, e realizadas as rodadas seguintes no MAKE 3000²², foram detectados alguns nocautes. Eles se manifestaram no segundo, terceiro e quarto grupos, respectivamente *tonicidade e dimensão do vocábulo, classe de palavra e contexto seguinte*. Naquele para os dissílabos e trissílabos átonos; neste para o fator vogal, e no grupo *classe de palavra* para o pronome. Procedemos, então, à amalgamação dos dissílabos átonos com os tônicos, já que estes também apresentavam alta taxa de apagamento da variável. O mesmo se fez em relação aos trissílabos átonos, amalgamamos com os tônicos, pelo mesmo motivo acima.

O fator pronome, bem como o fator vogal foram retirados das rodadas seguintes, já que neles a variável apagava categoricamente, como se verifica em [kwaw^hkE] (qualquer) e [fikaa^hki] (ficar aqui), com resultados distantes dos demais fatores. Além disso, não se encontrou motivos válidos para amalgamá-los a outros fatores. Como o fator vogal foi retirado das rodadas, desconsideramos, também, para as rodadas que se seguiram, o grupo de fatores vogal seguinte, já que ele não mais se aplicaria, e apresentou frequência irrelevante.

Feitos esses redimensionamentos, procedemos às rodadas que, a partir de agora, apresentamos nos gráficos e tabelas a seguir, utilizando os pesos relativos referentes a cada grupo de fatores²³ para discussão e comparação com resultados de outras pesquisas que referem o mesmo objeto, considerando-se o apagamento a aplicação da regra.

²² Programa do pacote VARBRUL que estabelece as células e serve de entrada para o programa de regra variável, o VARB 2000.

²³ Apresentamos mais detalhadamente os grupos selecionados, já que eles constituem os grupos que apresentam relevância estatística.

Os grupos de fatores selecionados pelo IVARB2000, por ordem de seleção são:

- classe de palavras
- escolaridade
- idade
- modo de articulação da consoante seguinte
- renda
- sexo
- tonicidade e dimensão do vocábulo

Os grupos de fatores não selecionados foram:

- vogal precedente
- ponto de articulação da consoante seguinte
- contexto seguinte (consoante e pausa)

Os resultados serão apresentados, demonstrando-se inicialmente considerações a respeito das variáveis lingüísticas, e em seguida das sociais.

4.1- Grupos de fatores lingüísticos selecionados

Os grupos de fatores lingüísticos selecionados foram:

- Classe de palavra
- Modo de articulação da consoante seguinte
- Tonicidade e dimensão do vocábulo

4.1.1- Variável classe de palavra

Este foi o 1º grupo a ser selecionado pelo VARBRUL, e, conforme esperávamos, o verbo, com peso relativo igual a .56, foi um dos fatores, em nosso *corpus*, que mais favoreceu a aplicação da regra de apagamento da variável (r). As demais classes desfavorecem o apagamento. Sendo que dentre elas, é a preposição que mais o desfavorece com peso relativo extremamente baixo, .10.

TABELA 1
Classe de palavra

Grupo de fatores	Nº de dados	Peso relativo
		Apagamento
Verbo	1.429/1.646	.56
Substantivo	148/195	.41
Adjetivo	32/50	.29
Advérbio	3/6	.13
Preposição	32/128	.10

Os resultados referentes à classe de palavras confirmaram o que tradicionalmente se comenta a respeito do comportamento da variável (r) nos verbos. Os resultados nos dizem que é nele que se processa o maior índice de apagamento. Tradicionalmente o verbo tem sido uma das classes de palavra na qual mais ocorre o apagamento. Tendo sido considerado como a classe na qual se iniciou esse fenômeno, conforme Tessier (1959). Os dados abaixo exemplificam esse apagamento:

Exemplos (1BF-)²⁴:

[p asuSte#ta]	<i>pra sustentar</i>
[t aba"~a]	<i>trabalhar</i>
[iStu"da]	<i>estudar</i>
[pasi"a]	<i>passar</i>
[pasa"pEhtU]	<i>passar perto</i>
[p ade"Sa]	<i>pra deixar</i>

Parece que a variável (r) costuma não realizar-se quando apresenta função morfológica, como se vê nos infinitivos, que constituem a maioria dos nossos dados referentes a verbos. Talvez isso se dê pelo fato de a informação que seria veiculada por ele ser transmitida pela tonicidade. Os informantes costumam enfatizar a intensidade da vogal dos verbos no infinitivo, o que parece ser, também responsável, pelo prolongamento da vogal que antecede essa variável, informação também referida por Callou (1979) e Oliveira (1999).

Há que se dizer também, que os falantes parecem não envidar esforços na realização dessa variável, pois sua ausência não provoca ambigüidade, diferentemente do que aconteceria em posição posvocálica não final, onde, em alguns casos, a ausência dessa forma poderia provocá-la, como em *persa e peça*. O contexto morfossintático, além da intensidade, é um dos responsáveis pela desconstrução de qualquer confusão entre *canta* (verbo cantar no presente do indicativo) e *cantá* (verbo cantar no infinitivo), pois ocorrem em contextos distintos.

O produtivo apagamento nos verbos parece ser comum nos trabalhos que focalizam esse fenômeno, mas a relevância dessa produtividade sofre variações. Em

²⁴ Os códigos que acompanham os exemplos indicam o (a) informante de que foram retirados as transcrições utilizadas no texto, e servem para controle dos dados manipulados. Os códigos usados correspondem às variáveis sociais. Assim, a codificação acima, indica que os exemplos foram retirados de informante da 1ª faixa etária (1), cursando 1º grau (B), do sexo feminino (F), de renda baixa (-). (cf. quadro 2B na Metodologia).

Monaretto (2000) verifica-se apagamento bastante avançado em final de verbos. Essa classe de palavra, conforme os dados da autora, obteve peso relativo igual a .88. Em Oliveira et Monguilhott (1999), autoras que estudaram a variável em relação à manutenção, verificaram também alta taxa de apagamento. Os resultados obtidos em sua pesquisa dizem que o verbo recebe o menor peso .32. Já em Callou (1979), tem-se para a mesma classe de palavra, peso relativo igual a .729 para o apagamento; e em Votre (1978) pesos relativos iguais a .23 e .28 referentes à manutenção, respectivamente para alfabetizandos e universitários. Em Oliveira (1999) peso relativo igual a .66 para essa classe de palavra. Abaixo, tem-se um quadro demonstrativo das localidades pesquisadas, obedecendo-se a disposição dos nomes dos autores deste parágrafo, bem como o resultado obtido para a fala de Itaituba, em relação ao verbo:

Tabela 2
Apagamento da variável (r) nos verbos em cidades do sul,
sudeste, nordeste e norte do país

Localidades pesquisadas	Peso relativo /apagamento	Peso relativo/ manutenção
Capitais do sul do país	.88	
Florianópolis, Chapecó, Blumenau e Lages		.32
Rio de Janeiro	.729	
Rio de Janeiro		.23/ .28
Salvador	.66	
Itaituba	.56	

A TAB. 2 mostra que o apagamento está mais avançado, nos verbos, nas demais cidades do que em Itaituba. Talvez o fato desta cidade não ser um grande centro urbano justifique esse resultado, visto que, geralmente, é nas grandes cidades que se iniciam as variações e mudanças lingüísticas, que depois se estendem às localidades menos desenvolvidas. São as cidades do sudeste e do sul do país, principalmente as

capitais, que apresentam mais produtivo apagamento do (r) em final de vocábulo, com pesos relativos bastante relevantes.

Nos substantivos e adjetivos já se esperava um comportamento mais tímido do que o verificado nos verbos para o apagamento. Esse dado confirma a hipótese tradicionalmente veiculada pela literatura da área de que os nomes são menos favorecedores da regra de apagamento do (r) final de vocábulo do que os verbos. Abaixo, exemplos de aplicação da regra de apagamento nos adjetivos e de manutenção nos substantivos:

Exemplos (1CF-1)e (1AF-):

[pahtSiku"la]	<i>particular</i>
[hegu"la]	<i>regular</i>
[gaS"pah]	<i>Gaspar</i>
[p ufe"soh]	<i>professor</i>

Em Oliveira (1997) a diferença de comportamento da variável em verbos e nomes parece ser bem intensa. Este autor obteve 95,4% de apagamento em final de verbos contra 33% verificado nos nominais. Conforme seus resultados, nos nomes o apagamento é inferior ao que se dá nos verbos e superior ao que se processa em posição interna; é na posição final, tanto em verbos quanto nos nomes que se faz mais produtivo o apagamento da variável em estudo.

Os nossos resultados não são tão discrepantes assim, mas apresentam pesos estatísticos que apontam o verbo como favorecedor da regra de apagamento do (r) em final de vocábulo e os substantivos (.41) e adjetivos (.29) como desfavorecedores dessa aplicação. É possível que se tivéssemos mais dados para os adjetivos, os resultados referentes a eles e aos substantivos ficassem mais aproximados.

Os resultados obtidos para o advérbio, apontam-no como favorecedores da manutenção com peso relativo igual a .13, tal qual se verificou nos resultados de Oliveira et Monguilhott (1999). O baixo rendimento da regra nessa classe de palavra pode estar ligado ao fato de que os falantes costumam realçar, enfatizar os advérbios, que estão quase sempre localizados no final do enunciado em nosso *corpus*. Geralmente, recai certa ênfase, duração sobre ele, talvez por encontrar-se justamente ao final do enunciado, o que pode indicar que se quer realçá-lo, já que essa posição é característica de realce na língua.

A preposição com peso relativo igual a .10, é a classe de palavra que mais favorece a manutenção da variável. Isto pode dever-se ao fato de ser forma inacentuada, que parece não funcionar sozinha na língua, que se apoia num vocábulo que apresenta tonicidade. Isso faz com que o comportamento do (r) final de vocábulo na preposição *por*, como em [puh'kawzɛ] (por causa), quando seguido de consoante, aproxime-se mais daquele que é verificado em posição posvocálica medial onde, geralmente, encontra-se alta taxa de manutenção dessa variável. Esta preposição configura-se praticamente sílaba inicial ou medial de vocábulo, quando num enunciado.

Oliveira et Monguilhott (1999) encontraram em seu estudo alta taxa de manutenção da variável na preposição *por*; elas obtiveram peso relativo igual a .92. Esses resultados corroboram informações encontradas em Amaral (1976). Para ele, nos monossílabos átonos há uma baixa taxa de apagamento do (r) em final de vocábulo. Por outro lado, parecem distanciar-se de dados recentes verificados em Oliveira (1999), que diz ter encontrado entre seus resultados peso relativo igual a .54 para a preposição, considerando o apagamento a aplicação da regra. O mesmo comportamento se verifica em Monaretto (2000), autora que analisa também as duas posições conjuntamente. Diz ela, que as preposições são uma das palavras funcionais que favorecem o apagamento, vindo logo depois dos verbos. Essas duas últimas autoras analisam conjuntamente a posição final e medial. Talvez se levassem em consideração apenas a posição final, nossos resultados ficassem mais aproximados.

A preposição apresenta mais relevante manutenção, como se verificou em nossos resultados, se analisadas isoladamente as posições medial e final, quando do estudo da variável (r) em final de vocábulo. Isso reforça nosso suposto de que as duas posições devem ser estudadas separadamente, opinião de que já compartilham outros estudiosos do fenômeno.

4.1.2- Variável modo de articulação da consoante seguinte

Os resultados para este grupo de fatores, revelam-se contrário ao que imaginávamos inicialmente. Os fonemas que apresentam o mesmo modo de articulação da variável, inibem a aplicação da regra de apagamento.

TABELA 3

Modo de articulação da consoante seguinte²⁵

Grupo de fatores	Códigos	Total de dados	Peso relativo
			Apagamento
Oclusiva	K	381/451	.59
Nasal	N	205/240	.50
Fricativa	F	108/137	.39
Lateral	T	37/54	.37
Africada	D	67/95	.31

Esperávamos que as fricativas favorecessem a aplicação da regra, pois supúnhamos que aconteceria uma espécie de fusão entre elas e a variável. Entretanto, os resultados aqui verificados dizem que dentre as consoantes acima, apenas as oclusivas favorecem a aplicação da regra de apagamento com peso relativo igual a .59. Já as nasais apresentam resultados que as deixam em posição neutra .50. As fricativas,

²⁵ Os símbolos serão indicados em separado nas tabelas quando houver necessidade de serem retomados nos gráficos.

africadas e laterais, respectivamente com pesos .39, .31 e .37 desfavorecem a aplicação da regra.

Esses resultados, numa análise mais geral, parecem apontar o traço não-contínuo como não inibidor do apagamento. As consoantes contínuas (fricativas, africadas, e laterais) recebem pesos relativos que inibem o apagamento e as não-contínuas (oclusivas e nasais) apontam neutralidade e favorecimento da regra. Observe-se, no gráfico abaixo, as não-contínuas indicando tendência e aplicação da regra, enquanto as contínuas a inibem.

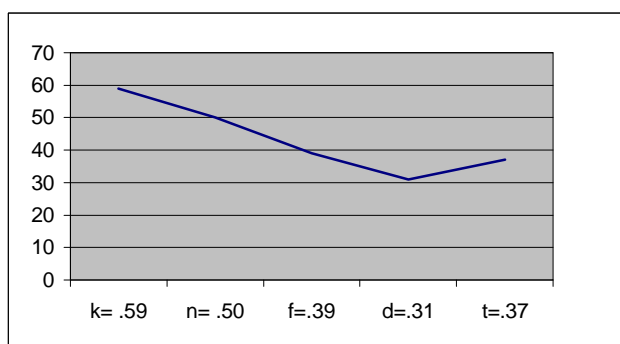


GRÁFICO 2: comportamento da variável (r) em relação ao modo de articulação da consoante seguinte.

A manutenção diante das contínuas, e, em especial diante das fricativas e africadas pode ser resultado de certo esforço do falante, com o fim de manifestar que ali existem dois fonemas distintos, embora ambos sejam contínuos e gozem do mesmo modo de articulação, no caso das fricativas :

Exemplos (1AF+), (1BF-):

[ah ^h f eSkU]	<i>ar fresco</i>
[teh ^h fi´U]	<i>ter filho</i>
[išt uih ^h sob I]	<i>instruir sobre</i>
[sehfe ^h ´iS]	<i>ser feliz</i>
[dZiStah ^h ZuãU]	<i>de estar junto</i>

[pohdZi"atSI]	<i>por diante</i>
[fazehdZi"tudU]	<i>fazer de tudo</i>

Já o apagamento diante das não-contínuas pode ser consequência do fato de se ter fonemas em cuja articulação há diferença quanto à passagem da corrente de ar, o que exigirá do falante passar da realização contínua à outra. Como a variável (r) se encontra em posição de coda, sua articulação é preterida em proveito da outra, que se encontra em posição explosiva.

Exemplos (2BF-):

[vOwtana"sESp(E)]	<i>voltar na sespa</i>
[se"p ezU]	<i>ser preso</i>
[awtEdu"Saɪw]	<i>Alter do Chão</i>
[mu´Enuɪ a"ba´(E)]	<i>mulher não trabalha</i>
[kizEkoɸ a]	<i>quiser comprar</i>

4.1.3-Variável tonicidade e dimensão do vocábulo

Este foi o último grupo de fatores selecionado pelo programa. Vejamos os pesos relativos referentes a cada um dos fatores que o compõem:

TABELA 4
Tonicidade e dimensão do vocábulo

Grupo de fatores	Código	Total de dados	Peso relativo
			Apagamento
Monossílabo tônico	@	288/338	.49
Monossílabo átono	£	18/95	.16
Dissílabo	~	847/993	.52
Trissílabo	#	418/513	.51
Polissílabos	*	73/86	.63

A nossa hipótese, a partir da manipulação dos dados, era de que o apagamento seria menos recorrente nos vocábulos de menor dimensão. Foi nos polissílabos que se verificou o maior índice de apagamento, .63. Entre os demais fatores desse grupo não se verifica distanciamento significativo entre seus resultados. Além disso, todos se localizam muito próximos da neutralidade, excetuando-se o monossílabo átono. Tem-se .51, .52, .49, .16, respectivamente, para trissílabo, dissílabo, monossílabo tônico e monossílabo átono.

Os monossílabos tônicos inibem a aplicação da regra, enquanto os dissílabos apresentam uma tendência ao apagamento e os trissílabos se localizam numa faixa neutra. Já os polissílabos favorecem significativamente a aplicação da regra de apagamento da variável, já que apresentam alto peso relativo.

Esses resultados poderiam compor a oposição, polissílabo *versus* não-polissílabo, dada a significativa diferença entre os pesos relativos destes e dos demais, conforme se visualiza no gráfico abaixo, excetuando-se os monossílabos átonos, que apresentam comportamento diferenciado dado seu funcionamento dependente na língua:

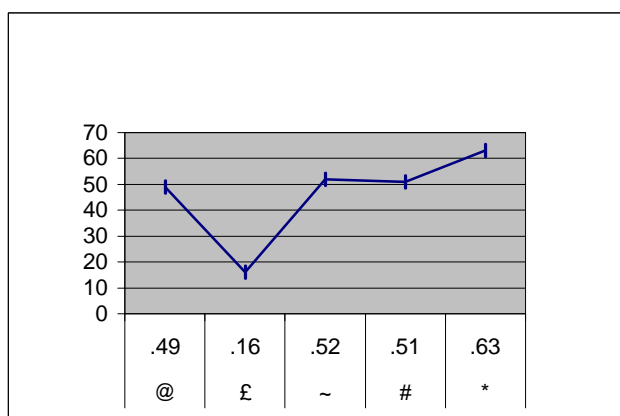


GRÁFICO 3 : atuação da dimensão do vocábulo sobre o apagamento.

No que se refere ao resultado relativo ao monossílabo átono .16, temos que ele é previsível, já que é uma forma inacentuada, dependente, que se apoia no vocábulo seguinte, formando com ele um único vocábulo fonológico, passando a ter comportamento de sílaba não-final.

Para Votre (1978), que analisou separadamente tonicidade e dimensão do vocábulo, a variável tonicidade mostrou-se irrelevante. Depois de algumas manipulações chegou à conclusão de que os resultados referentes à tonicidade não apresentavam nenhuma possibilidade de sistematização. Sendo assim, abandonou-a. O grupo de fatores dimensão do vocábulo, no trabalho deste autor, apresentou os seguintes resultados em relação à manutenção: .49, .48, .53, respectivamente para os monossílabos tônicos, dissílabos e trissílabos, e para polissílabos.

Esses resultados se distanciam dos nossos, pois enquanto naqueles se detecta mais manutenção nos polissílabos, aqui se pode verificar mais apagamento para o mesmo tipo de vocábulo em relação aos demais. Apesar da pequena diferença entre os pesos relativos, nos dados do autor, percebe-se que os vocábulos mais curtos, com peso relativo igual a .49, desfavorecem a manutenção, enquanto que em nossos resultados eles desfavorecem a aplicação da regra de apagamento.

Ficamos, assim, supondo que elementos poderiam delinear melhor esses resultados. Ou seja, se existiria algum outro concorrente, diretamente ligado a esses vocábulos, que contribuísse para o favorecimento do apagamento nos polissílabos.

Como se verificou acima, é nos verbos que se encontra a maior taxa de apagamento da variável em estudo quando se analisa a classe de palavras. Em alguns trabalhos se tem ligado isso ao fato de ele veicular informação morfológica. Verificamos que no nosso *corpus* grande parte dos polissílabos eram representados por verbos, e quando não os eram, caracterizavam palavras em que o (r) não veicula sozinho informação.

Um novo olhar sobre os dados de Votre (1978), mostrou que os resultados referentes à manutenção do (r) nos infinitivos, quando considerou a variável *função*²⁶, formas nas quais ele traz informação morfológica (infinitivo), aproximam-se dos verificados para as formas em que o (r) não traz sozinho informação morfológica (ordenador), e se afastam daqueles em que o (r) sozinho a traz (autônomo), ou daquelas em que ele faz parte do item lexical sem exercer papel mórfico (monomorfêmico); tem-se respectivamente .42, .41, .57, .60 para essas formas, conforme tabela abaixo:

Tabela 5
Função exercida pela variável (r)

Grupo de fatores	Peso relativo: manutenção	Exemplos*
Infinitivo	.42	<i>cantar</i>
Ordenador	.41	<i>computador</i>
Autônomo	.57	<i>escolar</i>
Monomorfêmico	.60	<i>pior</i>

Fonte- Votre, 1978. p. 44

Verifica-se, com base nos pesos relativos acima, que infinitivo e ordenador desfavorecem a manutenção da variável, enquanto que o monomorfêmico e o autônomo a favorecem.

Os nossos dados mostram que nos vocábulos codificados como polissílabos, excetuando-se os verbos, o (r) não traz sozinho informação morfológica, como se verifica nestes exemplos: [kõputa'do] (computador), [dZiziSpE|a'do] (desesperador), [iSpI0|a'do] (explorador), [dZiZita'do] (digitador)²⁷.

²⁶ O autor considera se (r) veicula informação morfológica, e como o faz. Se a exerce sozinho, ou se em conjunto com outros elementos, por exemplo, conforme se verificou acima.

* Exemplos retirados do próprio autor.

²⁷ 2CM+

A função exercida pelo (r) nesses vocábulos nos esclarece melhor o fato de os polissílabos terem favorecido a aplicação da regra de apagamento. Talvez o alto índice de apagamento nesses vocábulos não esteja ligado só à dimensão do vocábulo. Parece que o comportamento da variável nos infinitivos, formas nas quais sua função é redundante no nível morfossintático, e nos polissílabos, formas nas quais é apenas cooperantes para a veiculação da informação, e assim, de certa forma, também redundante, é muito parecido. Em ambas verifica-se produtivo apagamento.

Os nossos dados corroboram também, em relação aos ordenadores, os dados de Monaretto (2000). A autora estudou a variável *função* e informa que o (r) tende a apagar-se quando se constitui morfema ou parte integrante dele, como em *escolar* e *computador*. Ela obteve peso relativo igual a .90 para essas formas e .13 para os monomorfêmicos, formas como *azar* e *pior*.

A variável função não constitui grupo de fatores neste estudo, apenas retomamos dados de Votre (1978) e Monaretto (2000), para fins de comparação, e para esclarecer alguns resultados por nós obtidos; mas parece configurar-se numa variável dependente a ser levada em consideração quando do estudo desse fenômeno.

4.2- Grupos de fatores lingüísticos não selecionados

Os grupos de fatores lingüísticos não selecionados foram:

- Vogal precedente
- Ponto de articulação da consoante seguinte
- Contexto seguinte (consoante e pausa)

4.2.1- Variável vogal precedente

Quanto ao grupo de fatores vogal precedente, tem-se que nele, as vogais se comportam de maneira parecida no que se refere a não receber altos pesos relativos. Por exemplo, a vogal [u] recebeu peso relativo igual a .42, o menor de todos os referente às vogais, o [i], vogal que recebeu o maior peso relativo dentre elas, .54. As anteriores, com uma pequena margem de diferença, em relação às não anteriores, apresentam resultados que vão da neutralidade ao favorecimento do apagamento, embora ele não se mostre tão significativo. Tem-se respectivamente .54, .53, .50 para a alta anterior, para média de 2º grau e para a média de 1º grau ; entre as anteriores à medida que aumenta a altura cresce o apagamento. A mesma sistematização se torna possível fazer com as não-anteriores, considerando mais altura como inibidora do apagamento. Elas se comportam de forma neutra ou desfavorecem a aplicação da regra. A posterior alta é a que mais o faz com peso relativo igual a .42. As médias de 1º e 2º graus e a central baixa o desfavorecem levemente ou localizam-se numa faixa neutra, pois apresentam pesos relativos próximos da neutralidade, respectivamente .47, .49 e 49.

4.2.2- Variável ponto de articulação da consoante seguinte

Os resultados mostram que não há muito distanciamento entre os pesos relativos referentes às consoantes. Temos respectivamente .54, .51 para as anteriores labiodentais e bilabiais. As alveolares apresentam resultado que inibe a aplicação da regra com peso relativo igual a .46. Dentre as anteriores, apenas as alveolares são coronais. Parece que as anteriores coronais inibem a aplicação do apagamento. Dentre as posteriores, é nas velares e nas palatalizadas com pesos relativos iguais a .53, .57, respectivamente, que se verifica favorecimento do apagamento. As palatais mostram peso relativo igual a .45, que desfavorece a aplicação da regra de apagamento, localizando-se numa faixa próxima da neutralidade tal qual as alveolares.

4.2.3-Variável Contexto seguinte (pausa, consoante)

Os resultados do grupo contexto seguinte confirmaram nossa hipótese inicial. Foi diante de pausa, como se verá na tabela abaixo, que menos ocorreu o apagamento da variável (r).

Os resultados referentes às consoantes (.58), por serem acima de .50, demonstram que elas favorecem a aplicação da regra de apagamento da variável, enquanto a pausa (.42) favorece a manutenção, conforme se verifica nos exemplos abaixo:

Exemplos (3AM+):

[sikizEla'vah]	<i>se quiser lavar...</i>
[prakomE'sah]	<i>pra começar...</i>
[ku'meh]	<i>comer...</i>
[dewski'zEh]	<i>deus quiser...</i>
[si'foh]	<i>se for...</i>

4. 3- Variáveis sociais

Todas as variáveis sociais estudadas neste trabalho foram selecionadas pelo programa de regra variável. Apresentamo-nas, abaixo, por ordem de seleção: escolaridade, idade, renda e sexo.

4.3.1-Variável escolaridade

O grupo de fatores escolaridade mostrou menos aplicação da regra de apagamento para os que apresentavam mais instrução:

Tabela 6
Escolaridade

Grupo de fatores	Total de dados	Peso relativo
Analfabetos	617/725	.56
1° grau	617/733	.57
2° grau	410/567	.34

Não houve praticamente nenhuma diferença de desempenho entre os informantes do 1° grau e os analfabetos. Os pesos relativos para esses fatores são praticamente idênticos, .56, .57, respectivamente. Parece que a diferença está mesmo entre esses dois grupos e os falantes de 2° grau.

O resultado referente ao 2° grau, igual a .34, confirmou o que tradicionalmente vem sendo informado pelos estudos a respeito desse fenômeno; os falantes que apresentam mais instrução apagam menos. Talvez pelo fato de preferirem as formas mais próximas da escrita, por acharem que elas constituem a forma *correta* de falar.

A escola incentiva o uso dessas variantes. O contato com ela parece influenciar no grau de apagamento dessa variável. Quanto mais tempo o falante freqüentou a escola, e assim teve mais contato com a escrita, mais ele conserva a variável (r), mais ele reconhece a presença desse elemento fônico ao final de vocábulo.

Embora os falantes de 2º grau tenham desfavorecido o apagamento, há que se dizer que essa manutenção, talvez não tenha sido mais significativa, pelo fato de o apagamento da variável já não ser concebido de forma tão preconceituosa, estigmatizada pela sociedade, como o são algumas outras variações, como a supressão do -s, que marca o plural, por exemplo. É bem possível também, que encontrássemos pesos relativos mais altos se levássemos em consideração o 3º grau.

Os resultados para os falantes de 1º e 2º graus podem ter se mostrado bem distantes devido a todos os informantes do 2º grau o terem já completado. Enquanto que os falantes de 1º grau ainda o cursam. Talvez obtivéssemos resultados menos discrepantes entre o 2º e 1º grau se os falantes deste também já o tivessem concluído.

Com relação à semelhança de peso relativo entre os analfabetos e os falantes de 1º grau, é preciso dizer que aqueles freqüentaram alguma vez a escola, num período inferior a um ano, mas não sabem ler nem escrever. Esse dado, bem como o fato de os falantes do 1º grau não o terem concluído, pode explicar melhor os pesos relativos quase idênticos entre esses falantes.

Os nossos resultados se aproximam dos de Votre (1978). O autor, que estudou a manutenção da variável (r) na fala carioca, diz que a escolaridade, contribuiu para que houvesse mais manutenção entre os universitários, que obtiveram peso relativo igual a .64 contra .36 dos alfabetizados. Oliveira et Monguilhott (1999) obtiveram .58 de manutenção para os falantes do colegial e .42 para os do primário. A manutenção da variável (r) é considerada pela autora como realização de prestígio e como característica da fala dos mais escolarizados.

Em nossos resultados, bem como nos do sudeste e do sul do país, verifica-se mais apagamento entre os menos escolarizados.

4.3.2-Variável idade

A nossa hipótese com relação à idade ia no sentido de que, quanto mais idade tivesse o falante, menos apagamento nós teríamos, por supor que os mais idosos optariam por variantes que caracterizam a manutenção. Entretanto, a tabela a seguir mostra um certo distanciamento entre os nossos pressupostos no que se refere aos falantes da 2ª faixa etária:

Tabela 7

Idade

Grupo de fatores	Total de dados	Peso relativo
		Apagamento
15-25	549/705	.44
26-45	638/721	.65
+ 46	458/600	.38

O peso relativo verificado para os jovens e adolescentes vai de encontro aos resultados que esperávamos, pois pretendíamos que estes utilizassem mais a regra de apagamento por supor que neste período os falantes desta faixa etária ouvem músicas populares, vêem programas de TV cuja linguagem é mais informal, ou mesmo freqüentam locais onde, geralmente, usa-se formas mais inovadoras e por parecerem ser mais sensíveis às transformações. Entretanto, têm-se a faixa etária referente aos jovens e aos idosos como desfavorecedoras da aplicação da regra de apagamento, respectivamente .44 e .38; e peso relativo referente à 2ª faixa que favorece significativamente a aplicação da regra de apagamento, .65.

A probabilidade para os falantes entre 26-45 anos pode representar uma marca dos falantes desta faixa etária, relacionada à vida profissional, conforme diz Callou (1998), considerando-se que é nesta idade, na 2ª faixa etária, que os indivíduos estão mais fora de casa e se envolvem mais com a linguagem descontraída da vida

profissional; estão geralmente muito ligados aos meios de comunicação de massa e freqüentam festas, bares, lugares onde, geralmente, as pessoas não se preocupam em usar formas padrão; onde também, geralmente, não se adota uma atitude preconceituosa sobre o apagamento por causa da própria situação de comunicação que se estabelece nesses lugares. E mesmo quando freqüentam lugares mais formais não se preocupam muito em manter o (r) final de vocábulo, já que seu apagamento não se constitui numa forma estigmatizada.

Embora as possibilidades acima, ressaltamos que só uma pesquisa mais abrangente, que levasse em conta as atitudes, poderia confirmar satisfatoriamente essas inferências, pois é possível que outras percepções se construíssem quando de uma investigação desse cunho, que apontamos como procedimento importante para futuros estudos a respeito desse fenômeno.

O resultado referente aos falantes mais jovens pode indicar que os pais, falantes da 3ª faixa etária, bem como a escola, por meio da modalidade escrita, e da forma oralizada como falam grande parte dos professores, principalmente em cidades que não são grandes centros urbanos, onde geralmente se adota métodos tradicionais de educação, educam os jovens, transmitindo a eles a manutenção; entretanto, embora os jovens a utilizem, procuram e usam variantes mais inovadoras, a fim de se atualizarem com sua geração, o que aumenta o índice de apagamento entre eles em relação aos pais. Ao chegarem à 2ª faixa etária, por causa da independência que adquirem, intensificam o uso de variantes inovadoras.

Observa-se, assim, que são os adultos de Itaituba, falantes entre 26-45 anos, que mais têm optado pelo apagamento do (r) em final de vocábulo; e, embora se verifique que a manutenção ainda é a maior opção entre os jovens, há que se considerar que a forma por eles usadas apresenta caráter fricativo e bem posterior, o que indica que existe uma propensão à aplicação da regra de apagamento, já que geralmente essa forma antecede o apagamento da variável em estudo.

Nossos resultados vão de encontro aos de Votre (1978), pois quando de sua pesquisa, os jovens, com peso relativo igual a .53, mostraram-se mais conservadores que os falantes mais velhos (.47), favorecendo a manutenção do (r).

4.3.3- Variável Renda

O grupo de fatores renda apresentou comportamento diferente do que esperávamos. Os de renda média apagaram mais do que os de renda baixa. Esperávamos que os falantes de renda baixa aplicassem mais a regra de apagamento, e que os de renda média não favorecessem o favorecessem:

Tabela 8

Renda

Grupo de fatores	Total de dados	Peso relativo
		Apagamento
Renda baixa	780/991	.44
Renda média	864/1034	.56

Os homens de renda média em nosso *corpus*, geralmente autônomos, estão ligados a atividades informais. É possível que isso tenha aumentado o índice de apagamento neste fator, pois o mercado informal não exige, geralmente, o uso de formas padrão. Há que se considerar ainda, que dos 9 homens de renda média do *corpus*, 5 deles conseguiram dinheiro para montar seu negócio, exercendo, por algum tempo, atividades garimpeiras. No local onde se desenvolve esse tipo de atividade geralmente se usam formas mais inovadoras.

Esse resultado pode indicar que o apagamento do (r) já não é concebido como uma forma estigmatizada mesmo pelos falantes que se incluem numa classe mais favorecida economicamente em Itaituba.

4.3.4-Variável sexo

As mulheres apagaram menos do que os homens. Conforme alguns estudos que consideraram a variável sexo, elas costumam privilegiar formas padrão, principalmente se não se está num grande centro urbano, onde, geralmente, elas gozam de menos liberdade.

TABELA 9

Sexo

Grupo de fatores	Total de dados	Peso relativo
		Apagamento
Homens	729/868	.55
Mulheres	915/1157	.46

Observando-se os pesos relativos obtidos para os dois gêneros, pode-se verificar que os homens utilizam mais a regra de apagamento do que as mulheres. Entretanto, a discrepância entre eles é pequena. Estas, inibem sua aplicação, mas se localizam numa faixa próxima da neutralidade.

Os números mostram que mulheres usam mais a variante padrão do que os homens. Elas apresentam peso relativo igual a .46, embora residam na zona urbana. Entretanto, há que se considerar que Itaituba não é um grande centro urbano. Considere-se que além de estar localizada na região norte, não é capital do estado, e fica dela muito distante, embora seja considerada uma das dez maiores cidades do Pará.

Sendo assim, grande parte das mulheres, ainda exerce um papel muito tradicional em sua comunidade; algumas vezes se aproximando do comportamento da mulher da zona rural. Assim, se as mulheres da zona rural usam formas mais conservadoras do que os homens, conforme a literatura da área, parece normal que as mulheres da localidade pesquisada utilizem também mais essas formas.

Callou (1979) considera que as mulheres geralmente lideram as mudanças na zona urbana, mas que na zona rural ainda privilegiam as variáveis mais conservadoras. Talvez isso se dê pelo fato de a mulher da zona urbana, principalmente de grandes centros urbanos, já ter hoje uma participação mais ativa na sociedade. Também pode ser uma forma de se impor diante das regras, padrões que lhe foram, e até hoje lhe são impostos pela sociedade. Além disso, pode ser que elas liderem as mudanças nesses lugares, por estarem mais abertas, sensíveis às inovações. Assim, é apressado dizer que as mulheres costumam privilegiar as variantes de prestígio, pois fatores sociais podem contribuir para que elas o façam ou deixem de fazê-lo, encabeçando ou não mudanças lingüísticas.

Segundo Paiva (1992) há discrepância maior entre o comportamento lingüístico de homens e mulheres na faixa etária mais alta e na classe média baixa. Os nossos resultados demonstram maior discrepância entre homens e mulheres entre os mais jovens, conforme se verifica quando do cruzamento entre idade e sexo.

Trabalhos como de Votre (1978) e Oliveira et Monguilhott (1999) demonstram que homens e mulheres apresentam diferença quanto à realização do (r) posvocálico final. Aquele, diz que entre homens e mulheres a diferença é levemente relevante em relação à manutenção dessa variável, tem-se .58 e .42, respectivamente para homens e mulheres. Oliveira et Monguilhott (1999) referem que as mulheres (.56) mantêm a vibrante em final de vocábulo mais do que os homens (.44). Os nossos resultados corroboram os desta autora, pois em Itaituba são as mulheres que inibem a aplicação da regra de apagamento.

4.4- Cruzamento entre variáveis sociais

Para melhor definir os resultados referentes às variáveis sociais, procedemos ao cruzamento entre os grupos de fatores sociais utilizados neste trabalho, que constituíram novos grupos de fatores. São eles: *idade/escolaridade*, *idade/sexo*, *escolaridade/sexo* e *escolaridade/renda*. Abaixo, o 1º grupo de fatores selecionado pelo VARBRUL.

4.4.1.- Cruzamento entre idade e escolaridade

Sabíamos que os falante entre 26-45 anos constituíam a faixa etária que mais aplicava a regra de apagamento, mas não tínhamos condições, quando daquela quantificação, de saber qual o grau de escolaridade dentro dessa faixa etária, por exemplo, mais favorecia o apagamento.

TABELA 10

Atuação da idade e da escolaridade sobre o apagamento

Grupo de fatores	Total de dados	Peso relativo
		apagamento
15-25/ analfabeto (1 A)	287/319	.60
15-25/ 1º grau (1 B)	242/299	.44
15-25/ 2º grau (1C)	199/266	.40
26-45/ analfabetos (2 A)	365/402	.45
26-45/ 1º grau (2B)	257/268	.69
26-45/ 2º grau (2C)	236/271	.42
+ 46/ analfabeto (3 A)	248/292	.54
+46/ 1º grau (3B)	282/325	.60
+46/ 2º grau (3C)	119/174	.23

Os resultados acima mostram que na 1ª faixa etária são os analfabetos que mais apagam o (r), vindo depois os falantes que cursam o 1º grau com peso relativo igual a .44; em seguida, com insignificante diferença, em relação a esses falantes, com peso relativo igual a .40, os que completaram o 2º grau. Entre os falantes de 15 a 25 anos apenas os analfabetos favorecem a aplicação da regra de apagamento. Os resultados referentes aos falantes de 1º e 2º graus demonstram que a escolaridade praticamente não interfere no comportamento da variável entre os falantes destes graus de ensino, nesta faixa etária, visto que os pesos relativos que receberam são bastante próximos, mas cria contraste entre escolarizados e analfabetos, conforme se verifica na TAB.10. Nesta faixa etária, à medida que aumenta a escolarização, diminui o apagamento. Isso mostra que a escolaridade apresenta atuação relevante sobre o apagamento entre falantes da 1ª faixa etária, no sentido de que menos escolaridade favorece mais aplicação da regra.

Na 2ª faixa etária, são os falantes de 1º grau que favorecem o apagamento da variável (r), com peso relativo bastante alto: .69, o mais significativo deste grupo de fatores. Em seguida com peso relativo que inibe a aplicação da regra, mas menos que os falantes de 2º grau, temos os analfabetos, .45. Nesta faixa etária, assim como na 1ª, é entre os falantes mais escolarizados que se observa menos aplicação da regra .42. Observe-se que nesta faixa etária não se verifica pesos probabilísticos decrescentes, apontando mais escolaridade como inibidora da regra de apagamento, como se verificou acima.

Na 3ª faixa etária, observa-se que os analfabetos e os falantes de 1º grau favorecem a aplicação da regra. Sendo que aqueles a favorecem menos que estes; tem-se respectivamente .54, .60 para os dois grupos acima citados. Já os falantes mais escolarizados desfavorecem significativamente a aplicação da regra de apagamento com baixo peso relativo, .23.

Nas três faixas etárias os falantes mais escolarizados desfavorecem a aplicação da regra de apagamento, confirmando a informação veiculada pela literatura

da área de que a escolaridade inibe o uso de variantes inovadoras. É na 3ª faixa etária que se percebe de forma bastante nítida a interferência da escolaridade, pois os indivíduos de 2º grau recebem baixíssimo peso relativo, desfavorecendo a aplicação do apagamento, o que não se detecta tão fortemente nas faixas etárias anteriores. Nesta faixa etária, a inibição da regra de apagamento pode ter sido mais produtiva entre os mais escolarizados, pelo fato de mais escolaridade, bem como a faixa etária mais alta, favorecem o uso de variantes mais conservadoras. Observe-se que foi nesta faixa etária que se verificou menos apagamento: .38, conforme se verificou no item 4.3.2.

A TAB. 10 permite também verificar que dentre os analfabetos, são os da 1ª faixa etária que mais apagam. Levando-se em consideração o 1º grau, é entre os falantes da 2º faixa etária que ocorre mais aplicação da regra. Neste grau de escolaridade, é só entre os mais jovens que há inibição da regra. Entre os falantes do 2º grau, tem-se inibição da regra de apagamento para todas as faixas etárias; com pesos relativos bastante próximos para 1ª e 2ª faixas etárias. É entre os falantes do 2º grau que têm a partir de 46 anos que ocorre menos apagamento, .23.

4.4.2. Cruzamento entre escolaridade e renda

Este foi o 2º grupo de fatores selecionado pelo VARBRUL, quando do cruzamento das variáveis sociais.

TABELA 11

Atuação da escolaridade e renda sobre o apagamento

Grupos de fatores	Total de dados	Peso relativo
		Apagamento
Analfabetos/ renda baixa (A-)	563/628	.57
1° grau/ renda baixa (B-)	270/331	.36
2° grau/ renda baixa (C-)	253/351	.36
Analfabetos/renda média (A+)	337/385	.40
1° grau/ renda média (B+)	511/561	.61
2° grau/ renda média (C+)	301/360	.64

Entre os falantes de renda baixa são os analfabetos que mais apagam, com peso relativo .57. Os falantes de 1° e de 2° graus desfavorecem o apagamento, com pesos relativos idênticos, .36. A diferença se dá, portanto, entre os analfabetos e os escolarizados.

Entre os falantes de renda média, observa-se resultados contrários aos obtidos para os fatores acima, pois mais escolaridade favorece significativamente a aplicação da regra de apagamento. Os indivíduos de 1° e de 2° graus favorecem o apagamento com os respectivos pesos relativos .61 e .64. Já os analfabetos inibem com peso relativo igual a .40. Para os falantes de renda baixa e de renda média verifica-se um padrão linear, mas de sentidos opostos, pois entre os falantes de renda média ocorre mais aplicação da regra à medida que aumenta a escolaridade; com os de renda baixa, dá-se o contrário, conforme se verifica nas linhas do gráfico abaixo:

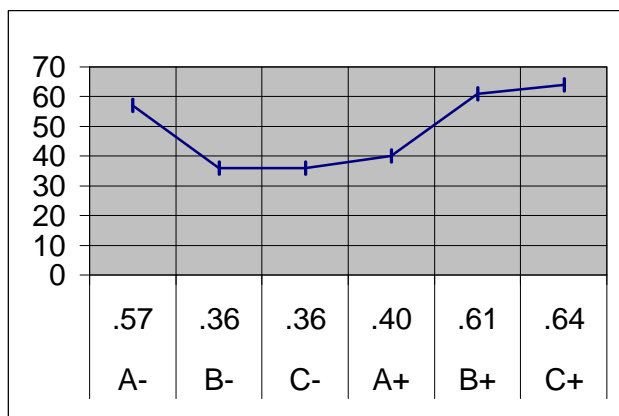


GRÁFICO 4: linhas probabilísticas que indicam a atuação da renda e escolaridade sobre o apagamento.

É praticamente irrelevante a influência da escolaridade entre os falantes de 1º e de 2º graus tanto na renda baixa quanto na renda média. Talvez pelo fato de o apagamento da variável já não se constituir uma marca estigmatizada pelos falantes na sociedade, conforme já se observou, quando da análise da variável escolaridade. Parece que a tendência entre os falantes desta comunidade é o apagamento.

Esses resultados vão ao encontro da fala de Santos²⁸, que (apud Silva e Paiva, 1996), ao estudar atitudes lingüísticas relacionadas à presença e ausência do (r), à monotongação de [ey] e [ow], à alternância entre *lhi e li* e à epêntese em palavras como *apto e psicologia*, relacionando-as às variáveis sociais, verificou que os falantes de classe social mais baixa estigmatizam menos que os de classe social alta as variantes não-padrão e que vão adquirindo na escola julgamento rigoroso em relação a elas à medida que vão se escolarizando. Entre os de classe favorecida dá-se o contrário; à medida que aumentam sua escolaridade são menos rigorosos com relação as variantes não-padrão.

²⁸ SANTOS, E. M. *A transmissão ao educando de crenças e atitudes lingüísticas*. Rio de Janeiro. 1980. tese (doutorado em Linguística) – Faculdade de Letras. UFRJ.

4.4.3- Cruzamento entre sexo e idade

Este foi o 3º grupo de fatores selecionado pelo VARBRUL. Dentre as mulheres, são apenas as que se encontram na 2ª faixa etária que favorecem, e de forma significativa, a aplicação da regra de apagamento, com peso relativo igual a .69. As falantes das duas outras faixas etárias, favorecem a manutenção. São as mulheres mais jovens que mais desfavorecem o apagamento com peso relativo igual a .34.

TABELA 12

Atuação do sexo e da idade sobre o apagamento

Grupo de fatores	Total de dados	Peso relativo
		Apagamento
Mulheres/ 15-25 (F1)	382/503	.34
Mulheres/ 26-45 (F2)	480/519	.69
Mulheres / +46 (F3)	384/466	.39
Homens/ 15-25 (M1)	346/381	.64
Homens/ 26-45 (M2)	378/422	.55
Homens/ +46 (M3)	265/325	.37

A hipótese que levantamos a partir dos resultados para as moças e rapazes da 1ª faixa etária está ligada à educação. Pode ser que as mulheres, geralmente responsáveis pela instrução dos filhos, bem como a escola, incentivem, principalmente as moças, a usarem variantes consideradas padrão. Como a escrita geralmente é considerada como uma modalidade mais *correta* do que a falada, tem-se que, falar dentro dos padrões é imitá-la, oralizá-la. Dentre os homens, ao contrário do que se viu em relação às mulheres, são os jovens entre 15-25 anos que mais apagam. Geralmente, os rapazes gozam de mais liberdade do que as moças principalmente em cidades que não se constituem grandes centros urbanos. Essa hipótese levanta a necessidade de se

verificar também como se dá a atuação dessas mães, e mesmo dos pais, sobre a educação dos filhos dependendo do nível de escolarização que possuem.

Os homens cuja idade está compreendida entre 26-45 anos também favorecem a aplicação da regra de apagamento. Os que têm 46 anos ou mais, desfavorecem o apagamento com peso relativo igual a .37. Vê-se que a idade parece exercer força sobre o apagamento entre os homens no sentido de que, à medida que aumenta a idade, diminui o apagamento.

O aumento de peso relativo da 1ª para a 2ª faixa etária entre as mulheres, pode ser consequência de certa liberdade que elas passam a gozar na idade adulta, principalmente quando entram no mercado de trabalho. As mulheres da 2ª e da 3ª faixa etária apagam mais do que os homens destas mesmas faixas etárias. É só na 1ª faixa etária que os homens apagam mais do que as mulheres.

4.4.4- Cruzamento entre sexo e escolaridade

Este foi o único grupo de fatores não selecionado pelo programa de regra variável. As mulheres analfabetas favoreceram a aplicação da regra de apagamento com peso relativo igual a .56. As mulheres escolarizadas inibiram sua aplicação com pesos relativos iguais, .47. A escolaridade inibiu o apagamento, no sexo feminino.

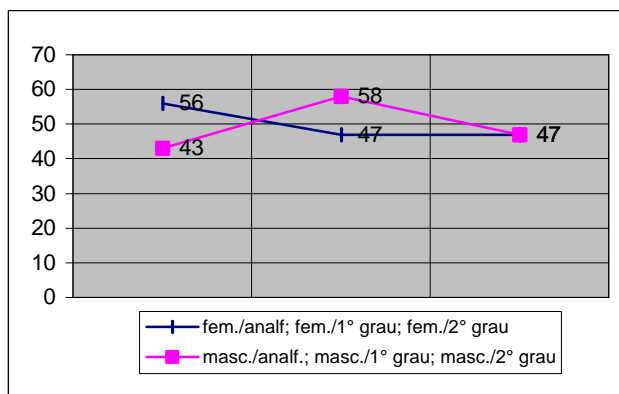


GRÁFICO 5: atuação do sexo e escolaridade sobre o apagamento.

Dentre os homens, diferentemente do que se percebe no sexo feminino, apenas os indivíduos do 1º grau favorecem o apagamento com peso relativo .58. Para os dois outros fatores, tem-se resultados aproximados, .43, .47, respectivamente para analfabetos e falantes do 2º grau. De acordo com as linhas probabilísticas acima, os homens do 2º grau, comportam-se exatamente como as mulheres do 1º e do 2º grau. Entre as mulheres tem-se um padrão linear, à medida que aumenta a escolaridade diminui o apagamento. Entre os homens tem-se um padrão não-linear. Os homens não escolarizados do *corpus* são os que menos apagam.

Votre (1978) também analisou a atuação do sexo/escolaridade sobre a variável (r). Quando se trata dos universitários, tem-se .57, .43 de manutenção da variável, respectivamente para homens e mulheres; entre os mais escolarizados, são os homens que mais mantêm variável. Já entre os alfabetizandos, diz ele, que a diferença é irrelevante; os dois sexos recebem peso relativo .50.

Os pesos relativos verificados em nossos resultados não apontam significativa atuação da escolaridade entre as mulheres nem entre os homens. Os distanciamentos são mais tímidos ainda entre as mulheres. Verifique-se que os pesos relativos vão de .47 a .56 entre elas e de .43 a .58 entre os homens.

4.5- Considerações sobre as variantes não quantificadas pelo VARB2000

Além do significativo apagamento, e da realização fricativa glotal entre nossos dados, obtivemos a presença de duas outras variantes, que chamamos de minoritárias, já que apresentavam pequeno número de ocorrência no *corpus*. São elas: o tepe alveolar [ʔ] e a fricativa velar [x], conforme se vê nos exemplos abaixo:

Exemplos (1BF-), (3AM+) :

[p EStə ateʔaw]	<i>prestar atenção</i>
[pu iS'ta]	<i>por estar</i>
[pu a'i]	<i>por aí</i>
[tSipuukava'dox]	<i>tipo um cavador</i>
[akabodZimik i'ax]	<i>acabou de me criar</i>
[Segaxduba'Saw]	<i>chegar do baixão</i>

Essas realizações correspondem respectivamente a 4% e 1% dos dados analisados. Faremos algumas considerações sobre elas, baseados na frequência de sua ocorrência.

4. 5.1- O tepe alveolar [ʔ]

Essa realização foi exclusiva do ambiente fonético caracterizado pela presença de vogal que iniciava o vocábulo seguinte. Esse contexto favorecia em alguns casos a ressilabação, e assim, a reestruturação silábica. A sílaba travada pela variável (r) passava à sílaba aberta, principalmente quando se tinha a preposição *por* como em [pu|E'zeplu] (por exemplo), [pu|iS'u] (por isso)²⁹.

²⁹ 2AM+

O pequeno número de ocorrências do tepe alveolar (96 dados), deve-se ao fato de que, embora haja a possibilidade de ressilabação, os falantes apagam mais do que ressilabam. Sendo assim, pode-se dizer que em nosso *corpus*, é mais comum acontecer a simplificação silábica, por meio da supressão do elemento posvocálico, aqui o (r), como em [fikaa'ki] (ficar aqui), do que sua reestruturação, em que a sílaba fechada passa à sílaba aberta, ou seja, do padrão silábico CVC para o CV, como se verifica, em 96 (noventa e seis) casos dentre nossos dados, como em [sabe|avEh'dadZI] (saber a verdade)³⁰.

Esperávamos que os nossos resultados corroborassem os de Callou (1979), pois supúnhamos que não seria diante das vogais o maior índice de apagamento da variável, em função da possibilidade de ressilabação. Entretanto, eles se comportaram como os de Votre (1978), estudo no qual a vogal é o contexto seguinte que mais favorece o apagamento. Aquela, estudou o *corpus* do projeto NURC; este, a fala dos alfabetizandos do MOBREAL. Isso nos levou a suspeitar que a ressilabação estaria ligada ao fator escolaridade.

Imaginávamos que os falantes mais escolarizados ressilabariam; enquanto que a falta ou pouco contato com a escola levaria os de menos instrução a apagarem mais devido ao menor contato com a escrita.

Procedemos, assim, a uma rodada no CROSSTAB, programa de tabulação e cruzamento de dados, que envolveu os grupos de fatores contexto seguinte e escolaridade, a fim de verificar se os mais escolarizados ressilabariam mais do que os menos instruídos.

Além da pequena ocorrência da ressilabação no *corpus*, já que diante de vogal houve mais apagamento, os resultados nos mostram que não há muito distanciamento de frequência entre os três níveis de escolaridade. Essa diferença é mais tímida ainda entre os analfabetos e falantes de 1º grau.

³⁰ idem

Dentre os 204 casos em que a vogal era contexto seguinte, 26 dados, o correspondente a apenas 13% deles, corresponde à realização do tepe alveolar entre os falantes analfabetos. Dos 243 casos encontrados entre os falantes do 1º grau, obteve-se também 26 realizações para o tepe alveolar, o correspondente a 11% dos dados. Entre os falantes de 2º grau, das 236 ocorrências da variável (r) diante de vogal, obteve-se 44 casos, ou 19% da variante alveolar.

Os falantes de 2º grau ressilabam mais do que os de 1º grau, e estes menos do que os analfabetos, sendo que, o percentual referente a esses dois últimos é praticamente idêntico. Eles demonstram comportar-se de forma muito parecida. A pequena diferença de frequência está entre eles e os falantes de 2º grau.

Parece haver uma pequena relação entre o grau de escolaridade e a realização da variante (r), embora ela se configure muito timidamente. Os mais escolarizados optam mais pela ressilabação do que os menos escolarizados. Talvez isso seja resultado do contato com a escrita. Os que mais a conhecem, a manipulam, têm mais consciência da existência da variável (r) do que aqueles que com ela têm menos contato. Todavia, é preciso dizer, que a diferença é bastante tímida, o que nos leva a intuir que o apagamento já toma o lugar da ressilabação mesmo entre os mais escolarizados. Cabe complementar, outrossim, que o número de dados em que se realizou esse fenômeno é bastante reduzido. É provável que um número maior de dados manifestasse de forma mais nítida se a escolaridade exerce influência sobre a ressilabação.

Uma comparação utilizando o 3º grau deixaria mais claro se o apagamento vai crescendo em direção à norma culta, sobrepujando, inclusive a ressilabação neste nível de escolaridade.

A fim de verificar também, se a idade exerceria influência sobre a ressilabação, ou seja, se diante de vogais os mais idosos ressilabariam menos,

procedemos a uma outra tabulação, agora, cruzando os grupos de fatores contexto seguinte e idade.

O gráfico abaixo demonstra as frequências referentes à atuação da escolaridade (analfabetos, 1º grau e 2º grau) e idade (15-25, 26-45 e a partir de 46) sobre a ressilabação.

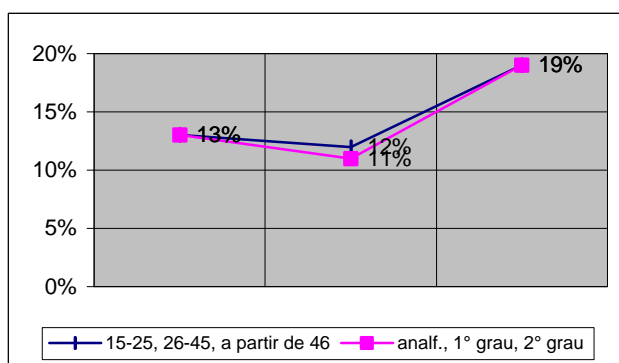


GRAFICO 6: atuação da escolaridade e idade sobre a ressilabação.

A diferença de frequência verificada para a idade, no que concerne à ressilabação, não se mostra muito distante do que se verificou para a escolaridade, pois não vai além de 19%. Aqui, os mais idosos, como prevíamos, ressilabaram mais do que os mais jovens. Entretanto, não foi a faixa etária mais jovem que menos o fez, mas a intermediária (25-45 anos). Isso nos remete à discussão já traçada neste trabalho quanto a ser a escolha pelo apagamento marca de faixa etária.

Embora tenhamos resultados aparentemente diferentes para as três faixas etárias, cabe ressaltar, que eles apontam mais para a semelhança do que para a diferença, dada a aproximação entre as frequências fornecidas pelo CROSSTAB, principalmente entre as duas primeiras faixas etárias, conforme também se verificou, quando do cruzamento vogal x escolaridade. Esses números parecem indicar também que a ressilabação é pouco produtiva entre os falantes, independentemente da idade.

Mas, acrescentamos que só um número mais significativo de dados poderia ratificar esses resultados que consideramos ensaio para posterior investigação.

4.5.2-A fricativa Velar [x]

Conforme se disse anteriormente, a realização da fricativa velar [x] corresponde a 1% dos dados, o correspondente a 16 ocorrências.

Essa variante parece estar ligada a uma faixa etária específica, pois dos 16 dados encontrados no *corpus*, 14 correspondem aos falantes da 3ª faixa etária, como nos exemplos abaixo:

Exemplos (3AM+ 3AM-):

[dZiSpES'kax]	<i>despescar</i>
[vajkej'max]	<i>vai queimar</i>
[sejk0x'tax]	<i>sei cortar</i>

Um outro dado que vale ressaltar, diz respeito ao contexto seguinte diante do qual essa variante se realiza. Do total de dados, 13 ocorreram diante de pausa.

Essas informações não causam estranheza por dois motivos. Primeiro, é comum que variantes mais conservadoras ocorram entre pessoas mais velhas. Segundo, a pausa foi o contexto que mais favoreceu a realização da fricativa glotal. Sendo, assim, comum que ela também favoreça a presença da variante velar; a pausa inibe o apagamento.

Essa variante foi encontrada na fala de dois informantes do sexo masculino, analfabetos; observou-se 6 (seis) ocorrências na fala do informante de renda média e 1

(uma) na fala do informante de renda baixa. Talvez a falta de contato com a escola, favoreça o uso de variantes mais conservadoras, antigas, aprendidas dos pais.

A variante ocorreu também na fala de 4 (quatro) mulheres do 2º grau que apresentavam renda baixa, e de 2 (dois) homens e de uma mulher de 1º grau, da 3ª faixa etária; sendo um homem de renda baixa e os outros dois falantes de renda média; e, ainda, na fala de 2 (duas) mulheres de 1º grau, uma da 1ª faixa etária de renda média, e a outra de renda baixa da 2ª faixa etária.

Vieira (1983) informa que em pesquisa realizada no Médio Amazonas, área que inclui o município de Itaituba, encontrou duas realizações para o *r* forte: uma caracterizada pelo flap alveolar, e a outra pela realização fricativa velar, próxima da aspiração.

Em posição posvocálica não-final, que ela chama de preconsoante, diz a autora que a maior ocorrência na cidade de Itaituba é a da variante [x]. Já em posição final de palavra, a ausência da variável (r) é categórica, salvo os casos em que [l] passa a [x], como em [banaʎal]~[banaʎax]

Seria interessante proceder a uma comparação entre os resultados da autora e os nossos resultados. Mas, embora os comentários acima, não parece seguro fazê-lo, já que seus informantes parecem não ter estudado além do 1º grau, pois ela considera para a pesquisa os analfabetos, os estudantes do MOBREAL e aqueles que cursaram a partir da 3ª série. Na época da pesquisa de Vieira (1983) era muito raro o 2º grau nas áreas pesquisadas, principalmente na zona rural, onde ainda hoje não funciona regularmente esse nível de ensino. Cabe dizer ainda, que dos 27 informantes entrevistados pela autora, apenas 5 tinham instrução igual ou superior à 3ª série. Além disso, a autora não dá resultados específicos referentes a cada nível de escolaridade estabelecida, considera zona rural e urbana quando de sua pesquisa, e não leva em consideração a faixa etária que compreende jovens e adolescentes.

Uma ligeira inferência sobre aqueles resultados e estes, diria que o apagamento diminui na cidade de Itaituba, entre adultos e idosos. É possível que a grande migração de pessoas de todo o país, bem como a chegada mais efetiva da escola tenha levado a cidade ao uso de outras variantes em final de palavra, que eram antes pouco utilizadas pelos falantes devido à baixa escolaridade que apresentavam, ao pouco contato com a escrita, manifesta na pesquisa de Vieira (1983).

Um outro aspecto que deve ter inflacionado a frequência do apagamento naquela pesquisa, deve-se, provavelmente, à realização dos falantes da zona rural, que geralmente apresentam pouca ou nenhuma escolaridade, comportamento lingüístico influenciado pela fala indígena circunvizinha, além do isolamento geográfico em relação aos centros urbanos, conforme diz a autora.

5 CONCLUSÃO

As variantes do (r) final de vocábulo encontradas no *corpus* foram: o tepe alveolar [r], a fricativa velar [x], a fricativa glotal [h] e o zero fonético [∅], que se constitui a variante mais produtiva do *corpus*, correspondendo a 82% dos dados analisados.

O apagamento desta variável, conforme os resultados fornecidos pelo VARBRUL, é condicionada por fatores lingüísticos e sociais. Dos 15 (quinze) grupos de fatores construídos, excetuando-se o que corresponde à variável dependente, 10 (dez) foram selecionados, incluindo-se entre eles os que resultaram do cruzamento de variáveis sociais. O grupo de fatores classe de palavras foi o primeiro a ser selecionado pelo programa de regra variável. Neste grupo, foi no verbo, conforme esperávamos, que encontramos mais apagamento e na preposição que menos verificamos sua aplicação .

A variável dimensão do vocábulo apresentou resultados que confirmam o que diz a literatura da área, pois os monossílabos tônicos inibiram a aplicação da regra de apagamento. Este tipo de vocábulo a inibiu levemente e obteve resultados muito próximos dos dissílabos e trissílabos. Os monossílabos átonos favorecem a manutenção e os polissílabos o apagamento. O resultado referente aos polissílabos parece estar ligado à função exercida pelo (r) neste tipo de vocábulo. Daí apontarmos a função exercida pela variável nos vocábulos como elemento que deve ser considerado quando do estudo desse fenômeno lingüístico.

Os resultados referentes ao modo de articulação da consoante seguinte mostraram-se opostos aos nossos pressupostos iniciais. Pretendíamos que as fricativas favorecessem a aplicação da regra de apagamento, mas elas a inibiram. Os grupos de fatores ponto de articulação da consoante seguinte, vogal seguinte e contexto seguinte não foram selecionados.

As 4 (quatro) variáveis sociais apresentam relevância para o estudo do fenômeno estudado; todas foram selecionadas. Dentre as 4 (quatro) outras resultantes do cruzamento apenas o grupo sexo/escolaridade não foi selecionado. Mais escolaridade favorece a manutenção do (r). No grupo de fatores idade apenas a 2ª faixa etária favoreceu a aplicação da regra. São os mais velhos que menos apagam. Na 1ª faixa etária mais escolaridade inibe o apagamento. Nas outras duas faixas são os falantes de 1º grau que mais apagam.

As mulheres o inibem o apagamento e os homens o favorecem, mas não se verifica entre eles diferença relevante, pois os resultados referentes a elas se aproximam da neutralidade e os referentes a eles pouco se afastam da zona neutra. As mulheres cuja idade está compreendida entre 26-45 anos favorecem significativamente o apagamento. Nas mulheres a escolaridade favorece um padrão linear, à medida que cresce a escolaridade diminui o apagamento. Entre os homens verifica-se um padrão curvilíneo no qual os homens de 1º grau favorecem significativamente a regra de apagamento. Homens e mulheres de 2º grau inibem de igual modo o apagamento.

Os falantes de renda média favorecem o apagamento enquanto os de renda baixa o inibem; não se encontra também entre seus resultados muita discrepância. Entre os falantes de renda baixa diminui o apagamento à medida que aumenta a escolaridade. Entre os de renda média dá-se o contrário.

O apagamento do (r) final de vocábulo altera a estrutura silábica, seja por meio de sua reestruturação ou por meio de sua simplificação. É condicionado por fatores lingüísticos e sociais. Não é específico de uma classe social desfavorecida, nem se encontra apenas na fala dos menos escolarizados. É fenômeno muito produtivo na fala de Itaituba e parece se configurar numa variante que toma o lugar das demais variantes encontradas no *corpus*.

Os resultados apontam tendência ao apagamento da variável (r), pois mesmo quando ocorre manutenção sua realização é caracterizada por uma variante que

indica enfraquecimento. O (r) final de vocábulo vem sendo representado por variantes fricativas e posteriores, salvo alguns casos em que o vocábulo seguinte é iniciado por vogal, onde se tem a reestruturação silábica, em que o (r) passa de posição posvocálica à prevocálica e sua realização se caracteriza pela presença do tepe alveolar. Entretanto, mesmo quando a palavra seguinte inicia com vogal, os falantes têm optado mais pelo apagamento da variável. Tanto é verdade que, dos 2.727 dados analisados, apenas 96 deles correspondem ao tepe alveolar, e conseqüentemente à ressilabação.

Parece que esse apagamento é resultado dos processos de posteriorização e fricativização pelo qual passa o (r) final de vocábulo. A variante geralmente usada pelos falantes antes de se concretizar o apagamento, também nos nossos dados, é uma variante de caráter posterior e fricativo que freqüentemente antecede o apagamento dessa variável nos estudos realizados no Brasil a respeito desse fenômeno.

Os resultados de uma pesquisa, longe de serem definitivos, acabam por levantar outras hipóteses, questões a respeito do objeto investigado e revelam limitações do trabalho que se realiza, as quais são, muitas vezes, resultado dos recortes imprescindíveis a qualquer pesquisa. Essas constatações são contribuições que apontam caminhos para futuras investigações. Assim, achamos importante concluir este texto sugerindo alguns aspectos que não foram por nós abordados ou o foram, mas precisam ser tratados mais minuciosamente. Dentre eles, sugerimos o tipo de função exercida pela variável (r) nos vocábulos, pelos motivos já citados, quando da análise da dimensão do vocábulo; estudo acústico de componentes suprasegmentais, como análise do grupo de força e verificação do alongamento que a vogal precedente parece sofrer quando do apagamento da variável (r), por exemplo, que ficamos impossibilitados de realizar, pois necessitaríamos de mais tempo para uma análise acústica; estudo da ressilabação a partir de um número maior de dados; inclusão do 3º grau no estudo deste objeto para comparação com os outros níveis de ensino, bem como pesquisa sobre atitudes lingüísticas, a fim de que se possa melhor discutir os resultados de natureza estatística. Além de comparações mais abrangentes com resultados de outras pesquisas que referem o mesmo objeto nas cinco regiões do Brasil e em outros países, para que se

possa melhor conhecer e compreender os condicionadores lingüísticos e não lingüísticos que motivam a manutenção e apagamento do (r) final de vocábulo.

6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. AMARAL, Amadeu. *O Dialeto Caipira*. 3. ed. São Paulo: HCITEC, 1976.
2. BARBOSA, Jorge M. L. Les ‘vibrantes’ portugaises et la dynamique linguistique. *Revue de la Société Internationale de Linguistique Fonctionnelle*. Presses Universitaires de France, Paris, v. 30, jan. 1994.
3. BISOL, Leda. *Introdução a estudos de fonologia do português*. 2. ed. Porto Alegre: EDIPUCRZS, 1999.
4. CAGLIARI, Luiz Carlos. *Elementos de fonética do português brasileiro*. Tese (livre docência) –Universidade Estadual de Campinas, 1981.
5. CALLOU, Dinah & al. O Apagamento do R final no dialeto carioca: um estudo em tempo aparente e em tempo real. *DELTA*. São Paulo, v.14, n. Especial, p. 61-72, 1998.
6. CALLOU, Dinah. *Variação e diferenciação dialetal: a pronúncia do /r/ no português do Brasil*. IN: KOCK, I. Gramática do português falado. Campinas: UNICAMP, 1996, v. VI, p.465-493.
7. _____. *Variação e distribuição da vibrante na fala urbana culta do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro. 1979.199f. Tese (doutorado em Lingüística)-Universidade Federal do Rio de Janeiro.
8. CALLOU, Dinah & LEITE, Yone. *Iniciação à fonética e à fonologia*. 6. ed., Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.
9. CAMARA, Mattoso Jr. *Estrutura da Língua Portuguesa*. 23 ed. Petrópolis: Vozes, 1995.
10. CAMARA. *Para o Estudo da Fonêmica Portuguesa*. 2 ed. Rio de Janeiro: Padrão, 1977.
11. COUTINHO, Ismael de Lima. *Gramática Histórica*. 7. ed. Rio de Janeiro: Ao livro Técnico, 1976.
12. CARVALHO, Rosana Siqueira de. *Variação do /s/ posvocálico na fala de Belém*. 2000. 112f. Dissertação (mestrado em Lingüística)- Universidade federal do Pará.

13. CRISTOFARO, Taí s da Silva. *Fonética e fonologia do Português: roteiro de estudos e guia de exercícios*. São Paulo: Contexto, 1999.
14. ELIA, Sílvio. *A unidade Lingüística no Brasil*. Rio de Janeiro: Padrão, 1979.
15. FRANÇA, Juhia Lessa. *Manual para Normalização de Publicações Técnico-científicas*. 5. ed. Belo Horizonte: editora daUFMG, 2001.
16. HEAD, Brian. A alternância entre consoantes líquidas : um caso de condicionamento múltiplo. In: *SEMINARIOS do GEL, XI*. Anais. São José do Rio Preto: ENESP, 1985, p. 145-158.
17. LABOV, William. *Sociolinguistic patters*. Philadelphia: University of Pennsylvania. Press, 1972.
18. LOPEZ, Bárbara S. *The Sound Pattern of Brazilian Portuguese* (cariocan dialect). Tese (doutorado, PhD)- Los Angeles: University of California, 1979.
19. MARQUARDT, Lia. *A vibrante no Rio Grande do Sul: uma análise computacional*. Dissertação (mestrado em Lingüística)- Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1977.
20. MARROQUIM, Mário. *A Língua do Nordeste*. 3. ed., Curitiba: HD livros, 2000.
21. MELO, Gladstone. *A língua do Brasil*. 4. ed. Rio de Janeiro: Padrão. 1981.
22. MENDONÇA, Renato. *A influência Africana no Português do Brasil*. 2. ed. São Paulo: Editora Nacional, 1948.
23. MONARETO, Valéria. O Apagamento da Vibrante Posvocálica nas Capitais do Sul do país. *Letras de Hoje*. Porto Alegre, v.35, n.1, p. 275-284, março, 2000.
24. MOURA, Alessandro Rolim. A Retroflexão de /r/ Eixo Curitiba-Cerro Azul. *Fragmenta*. Paraná. n. 10, p. 77-86, 1993.
25. NASCENTES, Antenor. *O falar carioca*. Rio de Janeiro: Simões, 1953.
26. NEGRÃO, Simone de Freitas. As vogais pretônicas no falar de Bragança. Belém. 2001. 131f. Dissertação (mestrado em Lingüística)- Universidade Federal do Pará.
27. NETO, Serafim da Silva. *História da língua portuguesa no Brasil*. 2. ed. Rio de Janeiro: Livros de Portugal, 1970.

28. NINA, Terezinha. *Elevação das pretônicas na fala culta de Belém*. Rio de Janeiro. 1989 150f. Tese (doutorado em Lingüística)- Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.
29. OLIVEIRA, Isabel & MONGUILHOTT, Isabel de Silva. *A vibrante em final de palavra na fala de Santa Catarina*. Rio Grande do Sul. s/d. Disponível em: <http://www.cce.ufsc.br/~varsul/index.html>> Acesso em dezembro de 1999.
30. OLIVEIRA, Josane Moreira de. *O apagamento do /R/ implosivo na norma culta de Salvador*. Salvador. 1999. 81f. Dissertação (mestrado em Lingüística)- Universidade Federal da Bahia.
31. OLIVEIRA, Marco Antônio de. Reanalizando o processo de cancelamento do (r) em final de sílaba. *Revista de Estudos da Linguagem*. Belo Horizonte, v. 6. n.6, p. 32-58. jul./dez. 1997.
32. OLIVEIRA, Marco Antônio. Sobre os reflexos sociais da mudança em progresso. *Cadernos de Lingüística e Teoria da literatura*. Belo Horizonte, v. IV, n. 7, 1982.
33. PAIVA, Maria da Conceição. Sexo. IN: MOLICA, M. C.(org.). *Introdução à Sociolingüística Variacionista*. Cadernos didáticos da UFRJ, 1992, p. 69-79.
34. PONTES, Eunice. *Estrutura do verbo no português coloquial*. 2. ed., Petrópolis: Vozes,1972.
35. RAZKY, Abdelhak. O Atlas Geo-sociolingüístico do Pará: uma abordagem metodológica. IN: AGUILERA, Vanderci (org.). *A geo-sociolingüística no Brasil: caminhos e perspectivas*. Londrina: editora UEL, 1998, 155-164.
36. SILVA, Giselle Machline de Oliveira e Silva & PAIVA, Maria da Conceição Auxiliadora. Visão de conjunto das variáveis sociais. IN: SILVA, Giselle M. O. S. & SCHERRE, Maria Marta Pereira (orgs.). *Padrões Sociolingüísticos: análise de fenômenos variáveis do português falado do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996, p. 337-377.
37. SILVA, Albânio Paulino. *Língua Portuguesa: fonologia*. 4. ed. Recife: FASA. 1987.
38. TARALO, Fernando. *A Pesquisa Sociolingüística*. 7. ed. São Paulo: Ática, 2001. Série Princípios.
39. TASCA, Maria. *Línguas em contato: Interferência na aprendizagem*. Rio de Janeiro: MOBRAL, 1977.

40. TESSIER, Paul. *Manuel de Langue Portugaise*. Paris : Klincksiek, 1976.
41. _____. *La Langage de Gil Vicente*. Paris: Klincksieck, 1959.
42. VALKHOFF, Marius et al. *Miscelânea luso-africana*. Lisboa: Junta de Investigações Científicas de Ultramar, 1975.
43. VIEIRA, Maria de Nazaré. *Aspectos do falar paraense*. Belém: Universidade Federal do Pará. Pró-reitoria de Pesquisa e Pós-graduação, 1983.
44. VOTRE, Sebastião. *Aspectos da variação fonológica na fala do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro. 1978. 222f. Tese (Doutorado em Linguística)- Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

ANEXOS